

Nebulosa

1.

Antenor Gonçalves precisava de ir ao médico dos olhos, pois tinha o que se chama em linguagem popular, de catarata. Uma operação lhe permitiria voltar a ver de novo do olho esquerdo. Quando estás farto de ser forte, acabas por te cansar e, em vez de estar sempre batendo no mesmo registo, desvias para o lado, assobias para o lado e prossegues o caminho. Se ainda tiveres forças. Não lhe apetecia ler, mas nem sequer o podia fazer com os dois olhos. Resolveu deixar de investir no estudo, pela falta de vontade e tornou-se voluntariamente deprimido. Dias depois, apaixonei-me por um tipo de letra. Ele não conseguia superar essa catarata a fim de chegar a bom porto de mar.

Assim, Antenor gostaria de tirar essa película, esse vê, que pendia sob a sua vista como o pano de um teatro sobre o artista diante do seu público, não lhe permitindo aceder às boas memórias a fim de continuar o seu caminho mais lúcido sobre a sua vida. Acontece também que Antenor Gonçalves era escritor e por isso vira-se privado de ver claramente, de ler claramente e assim exercer a sua profissão. Assim, ele esperava dias e dias pela publicação de um artigo científico numa conhecida revista de Astronomia a fim de poder dar aulas e retomar um quotidiano perdido há longo tempo na sua vida. Dir-se-ia que nada de mal se passava com Antenor, que a causa da sua névoa sobre o olho esquerdo seria provocada por uma causa genética, sobretudo porque uma ciência, a Antropologia, tinha como símbolo uma caveira com um olho mais vivo do que o outro, portanto, o estudo físico do homem, do homem morto, digamos assim, e o estudo do homem vivo, das culturas humanas. Assim, a névoa era algo mais do que isso, seria uma nebulosa, já que o protagonista em causa era astrónomo. Sim, ser filósofo é uma forma de egoísmo cósmico plenamente assumida por seu amigo Plátano, nos jantares que tinham. Sem me dar conta, dali a dias, descobri novo corolário no meu sistema de pensamento, ao dar de caras com a palavra "enclausuração", ou seja, como diz o dicionário, a "obrigatoriedade para viver em comunidade". Daí a palavra claustro. Dá a entender, tendo em conta este conceito, de que o homem em sociedade, cá fora, vive isolado, tendencialmente procurando

sempre viver um sentido de comunidade que lhe foge entre os dedos, quer por via sanguínea, quer ocasional, circunstancial. A vida em clausura é, então, uma obrigação para viver em comunidade, mesmo numa cartuxa. Até que Miriam se atravessou de novo no meu caminho, naquilo que tinha diante de mim para fazer. Daí, abandonei um pouco este escrito, para executar um artigo científico. Mas, naquele dia, pouco avancei no artigo. Tinha estado mais de duas semanas em casa, apenas saindo uma ou duas vezes para comprar comida. Ainda continuava a beber e sentia-me só. O artigo tinha de ficar para depois, para quando viesse de uns dias em Riachos, mesmo que a mãe me chateasse e o pai ostracizasse, mesmo que a minha irmã me antagonizasse. Era mister fazer depressa o mestrado em ensino para começar a dar aulas, depois logo se veria como iria pagar as propinas...

2.

Antenor, pouco tempo antes, pensava que para ele tudo tinha acabado, as anémons, os espinafres. Mas não, teve mais uma golfada quando durmia atordoado no sofá pela quietapina. E Teve de voltar à vida. Fez-se à vida. Porque é fácil pisar mais um pouco aquele que está já deitado no chão. Mais difícil é dar-lhe a mão para que se levante e o casaco para que se aconchegue do frio. Sentia-me só e sem forças. Não sabia se iria mesmo dar aulas dali a um tempo, uma questão de dois anos. Faltava-me um apoio emocional e sentia que estava sendo esquecido pela sociedade. E ninguém fazia nada, porque dependia, sempre, como agora, tudo dependia de mim, até coisas que pouco me diziam respeito. E tinha de andar, tinha de seguir em frente. Elas vêm um homem sózinho e mesmo que seja bom, rico e inteligente, não pegam. Serão orgiásticas, estas mulheres? À tantas pensam que tu és gay, como eles, que o dizem para se sentirem valentes diante delas. Um política amorosa do desejo. Mais uma cerveja. Mais um sumo, mais um cigarro. A tarde estava quente e Antenor via chegar-lhe ao sobrolho a névoa e nebulosa que o atormentava, como se fosse ficar cego e não pudesse resistir ou insistir aos encantos do mundo. Após semanas desaparecido na mata, Antenor voltara à civilização, à sua habitação e procurava retomar rotinas. Na casa de banho, uma mosca mordida um ponto, enquanto o esguicho de urina procurava fazê-lo desaparecer. Conseguira Antenor nesses tempos arranjar novos óculos, tanto para ler quanto para ver al longe. Estava deprimido nessa tarde de quarta-feira, olhando os cacilheiros que atracavam no Cais do Sodré um após outro, triste e langorosamente, arrastando-se em suas barbatanas equiláteras. Regressou a casa e logo depois, passado algum tempo, já estava farto de ali estar. Apetecia-lhe regressar à baixa, mas pensou, "chegando lá não encontro ninguém que eu ao menos espero que apareça em minha casa"...

A pouco e pouco, não pouco a pouco, ele encaminhava-se para substituir o seu olho esquerdo por um artificial, que chegasse ao ponto de o tornar meio-robô, como se estivesse vendo cada vez menos. E interrogava-se, um olho vê uma coisa, o outro, outra, ou seja, um vê as coisas boas, em termos de juízo moral, outro vê outras.

3.

Estávamos saindo de um confinamento e a gripe tornava-se ainda mais agressiva, ainda que usássemos quase todos máscara. Uma vez mais, como se via nos transportes, éramos responsáveis e mostrávamos que quem mais se abaixa mais a bunda se lhe vê, ou seja, o confinamento fora precipitado, o desconfinamento também, para não dizer irresponsável, porque poucos se aguentariam sózinhos, um mês, dois, em casa, sós, sem convívio, como Antenor sem que tivesse de ir logo correndo para o Júlio de Matos. Olhava para este Antero e não via nele culpa alguma, de crime algum, ao contrário do que encontrava no meio ambiente em seu redor, como se o quisessem furtar de uma realidade bastante humana que era o ódio a inveja e ciúme que sobre ele pendia, para não falar da conspiração. É claro que na nossa sociedade é fácil deitar as culpas para o sujeito, o indivíduo, porque "é preciso defender a sociedade". Mesmo o pai, já o havia riscado do mapa, desde a recusa de lhe oferecer um carro para as voltas ou para ver se fazia alguma coisa, mesmo sabendo que tinha este feito qualquer coisa que, a seus próprios olhos e aos de outros que se começavam a levantar, de indignação e revolta por um esquecimento que tardava em persistir(-se), algo que fora do âmbito do épico, a que nos referimos já acima e em outros escritos. Era esse o peso que ele carregava, o famoso Antenor, tal qual Columbo italiano em sua gabardine suja, mesmo no quente do verão (em telhado de zinco). Essa luta pela sobrevivência, pela aparência, pelo Parecer, pelo *status*, era afinal a de toda a gente, ou seja, mas já não fazia assim tão sentido no caosmos da urbana criatura. Fincava-se, então, como um animal urbano, correto e delicado, por vezes, ofensivo e agressivo por outras, talvez para defender as suas coisas, ideias e território, em suma o que havia já conquistado. Tenho quatro cigarros.

Solidão não é o que se sente ora uma vez ora outra, bem como a felicidade não é o que se sente de um momento para o outro e se esvaia. Ambos os sentimentos são, por definição, algo que perdura no nosso espírito e há técnicas para o poder manter, contangindo os outros, assegurando assim que venhamos a ser contemplados por esse estado mais tarde por artimanhas desse outro, normalmente uma criança, porque a linguagem da criança é filosófica porque assexuada. Danny ia ficando bem para atrás, à medida que tinha memórias fugazes dele. Fui fazer uma caminha da pelo rio e só não corri essa tarde porque tinha as pernas cansadas a noite estava quase a cair. Quando muito, não queria ir dormir porque soava a desistência. A minha mãe deu-me mais um desatino, percebi que ele estava ficando louca e que eu tentava apaziguar, nem me sentindo rebaixando nem correspondendo às suas agressões verbais do pior, tipo "aluga-se a casa de Lisboa", "és culpado de todos os meus males", "tens sorte o pai não de dar uns murros". A minha irmã procurava saber o que se passava e aninhava-se nisso, não falava sequer comigo em meses um conversa direito, mas metia fogo à minha mãe. Curiosamente, os pequenitos nada diziam, prosseguiam as suas vidas como se nada fosse, sobretudo aquele com quem tinha mais simpatia, Tilda. O respeito pelo outro passa pela compreensão da sua condição enquanto outro, porque muitos, falam como as crianças, sem pensar, sendo que para se flar é preciso pensar. Mas será mesmo? Não haverá duas forças de falar ainda que uma só de pensar (quando se pensa). Daí o papel da emoção. O ser que reflecte tende a ser menos emotivo e o ser que falar espontaneamente sem parar não sabe parar... De repente, o mundo, quando me fugia do controle, deixou de ter sentido para mim. Como o poderia compreender sem o controlar? Naqueles tempo, o olho (de Antero, claro, o esquerdo, não confundir com outras nomenclaturas que pertencem à tradição popular? Estava tapado por uma venda, uma máscara, mais ou menos, pois era tempo de gripe COVID-19. Recebera em casa o documento para ir tirar a órbita e colocar um olho mecênico, dir-se-ia com lentes progressivas, como o devido olho natural.

Antenor passara uma semana em Moscatel, fumando dentro de carro um maço por dia, dormindo mal, comendo mal, tendo até problemas de respiração. Apenas se desvio da rota das duas saídas por dia para supermercado quando foi, de noite comprar tabaco, quase dia, às bombas e quando fora esporadicamente ao aeroporto. A inspiração estava a fugir-lhe, estava agitado. Fora comprar tabaco, os amigos, alguns deles, lá estavam, mas ele, passando ao largo, disse que "não estava bem". Antero nem sempre estava bem-disposto, quero dizer, a maior parte do tempo estava bastante mal-disposto, ainda que não fosse seu costume usar de violência verbal ou física para com alguém- Sem carro, ia de comboio para casa. Sem trabalho, contava os tostões para a sua vida parca e sumítica. Sem mulher, a sua condição de saúde piorava, sobretudo quando soube que não iria dar aulas de Filosofia no ensino secundário ou liceal... Se os tostões eram fotões que economizava na mente, as mulheres eram algo de quase descartável e, noite após noite, lá caía na cama desejando um corpo feminino, porque as rotinas, essas, cumprira-as sempre essencial desde que fizera uso dos seus olhos, mas agora que estava perdendo a visão, os seus exercícios mentais, ainda que livres, se remetiam para motivos mais ou menos óbvios sobre os quais nunca fizera elucubrações. E, em tudo isto, o problema com o seu pai, a falta de diálogo, de encontro, de empatia e sintonia, talvez fosse culpa sua, ele não lhe dava hipótese de falar, quanto mais de o ajudar. Por outro lado, eu parara com a filosofia. Sabia que, se o fizesse, as coisas melhorariam, lembro-me do caso de Camus. Na verdade, estava tudo em suspenso. Estava ansioso. E mais uma vez iria dormir sózinho. Tudo culpa minha. Falta de jeito.

Sim, o radarista tinha razão: "São vinte anos disto!..."

Fazia a barba à luz natural. A minha pele aida estava boa. No dia seguinte, iria cortar o cabelo. Tudo voltaria ao normal. E talvez, se ousasse, se tentasse, pudesse conhecer alguém que me resgatasse daquela noite de dor, falta e ameaço de loucura...

Às tantas, tão simplesmente, não há mulher para mim neste pequeno país, neste país pequeno, não haja mulher que me cumpra, que seja como eu e ao mesmo tempo complementamente. Sò pode ser isso. Porque eu tenho procurado. Talvez essa mulher ainda esteja para chegar, de fora, de dentro, não sei. Talvez esteja ainda a ser feita, como eu mudo e sou feito a todo o instante. Daí mais uma ameaça de hospital por parte da minha mãe. Porque estou a descarrilar... E que remédio tenho senão me aguentar, mesmo rangendo os dentes, deixar passar o tempo que vai com pressa, mais pressa do que eu que não quero passar muitos mais maus bocados no caminho adiante...

O estado de saúde que me trouxera àquele dia não era famoso. Mas eu não estava metido com os outros, mas comigo mesmo. E tinha sido um herói naquela semana, sem falar com ninguém mais de dois minutos, quem não ficaria quase louco. Mas não, a minha mãe queria já falar em hospital, talvez para me despachar, talvez por ele tinha receio de ir ela para um hospital, acusando-me de a ter posto assim. Depois de tanto esforço, ainda achavam isso de mim. E eu percebia que estava no meio de qualquer coisa de psicótico, por há mais de três anos, depois de ter entregue a tese, ninguém me fizera observação nenhuma sobre ela, sobre mim, sobre qualquer assunto, apenas a mãe me dera os parabéns, a minha rimã não, estava em silêncio, como se mordendo ante a possibilidade de eu ser despachado e nunca mais de lá sair. Era, de resto, esse, o sentimento do meu irmão, coisa que Antero nunca lhe perdoaria.

Vaia a gente vai vivendo a nossa vida e ainda há gente tacanha como os pais no sentido de quererem moldar o vinho e fazê-lo com que faça o que eles queiram. Os meus não são muito assim, não te dizem as coisas declaradamente, mas censura, fechando-se e fazendo faltar a ajuda que te poderiam atribuir. Os meus, digo, têm muita sorte, posso não estar rico devido ao trabalho nas obras, sejam elas de que tipo forem, mas sempre estive preocupado com outras coisas com mais interesse e valor, em termos absolutos, não só para mim, mas para muita gente...

Eu é que procuro explicações para tudo mas, sem me der ao trabalho de pensar nisto, tenho sido de longe o mais injustiçado dos irmãos, dos meus amigos e contemporâneos. Curiosamente, fui aquele que mais longe fui. Economia de meios e desenho de expectativas... Ao ouvir Pedro Abrunhosa, decidi, teimosamente, seguir o fio da vida que se esguiava à frente da minha frente e não mais parar...

Em termos de intróito a um novo assunto, poder-se-ia dizer que Antero estava lendo cada vez menos, estava solteiro mas cada vez mais desesperado por um lado, cada vez menos desesperado por outro. Era uma semana quente, aquela de Julho em que já não havia autocarro para Leirena. Apenas o comboio circulava nos carris. Jogava-se o título e tudo indicava, a meio de um Porto-Sporting, que ele estivesse entregue ao maior clube do norte, enquanto o Benfica se preocupava em afastar as mulheres de Jesus... Eles, porém, na aldeia, não diziam nada, agora que tinha conquistado tanta coisa, estavam à espera que adivinhasse o que eles pensavam ou me fosse gabar para o café? Era o que faltava!...Nem mulheres lá havia! E as que havia estavam ocupadas...Por isso Antero preferia ir só pra comprar tabaco, pois mais. Assim, oscilava entre o tempo de ontem, o tempo de hoje e o tempo do amanhã, onde, saberia, lhe esperava uma bela donzela, talvez à beira da praia... numa lagoa próxima ou numa Praia da Caparica...

Calor, sim, estava calor e mesmo Antero perdendo cada vez mais a visão, mesmo tendo retirado o véu que lhe emsombrou o olho, continuava pensando na tese e, conseqüentemente, no grau, ou seja, ainda que não tivesse dinheiro para pagar os emolumentos, procurava uma maneira de conseguir reunir o painel da discussão. Outros, com menos tempo, tinha ido à Irlanda, pois lá não se pagavam, era só pagar a viagem... Mas não, a tese ficaria lá em Letras, mais ou menos esquecida, correndo mesmo o risco de ficar mais esquecida do que seu próprio autor, que ainda e sobretudo agora, tinha uma vida social animada...

A ele, que gostava tanto do ambiente das tipografias, cuasava-lhe impressão na mente e na consciência, ter deixado um dos seus livros na biblioteca do ISCTE, pleno de erros tipográficos. Mas, enfim, ele tinha feito quase tudo só, se não se esquecerem dos autores e tinha, talvez nem sequer sabendo, inspirado jovens e até antigos colegas e mais linhas de investigação... Com erros ou seu erros, o livro era legível e seria cómico até apresentá-lo em esperanto ou até na própria língua que inventara, a língua cha cha cha pá pá pá.

O que Cristo tinha que fazia mais sentido do que Marx ou Guevara, era que sabia lidar com ditadores e fora mais bem inteligente do que muitos personagens históricos e tinha um sentido de humor bastante irresistível e co-movente...rsrrsrs

Tinha comprado na Feira da Ladra, por cem escudos, há uns anos, um livro de Celso Whitehead, dos primeiros, "A Intuição é Tudo", e a mal sabendo que o autor recebera, num desses dias, um dos mais importantes prémios literários. Seguir-se-ia uma luta Celso/Lobo Antunes para 2021? Ao mesmo tempo, não esquecia o padre Carlos e suas composições religiosas, altamente arrebatadas, área em que o próprio Antero se havia aventurado.

De resto, em minha opinião, o espírito português era ligadamente caótico e nisso era diferente do espanhol, mais junto e mesmo do francês e, num certo sentido, próximo do grego e até do italiano, o seja, como que um "espírito de senhoria" (ou assenhoriamento) que se expasmava e aproximava do mundo inteiro, num espírito de conquista de que, na maior parte das vezes, não tinha culpa, a culpa seria, em certo sentido, dos genes da história. Eu perco o meu olho e vós, sejai felizes... Depois pensei num email para a faculdade e nas merdas que o meu cunhado fazia, a mim e a ele próprio. Muitos havia assim, que se ancoravam nos outros para explicara os seus fracassos, não aproveitando a boa onda que poderia advir de uma forma de comportamento diferente. Eu aqui com uma tese por discutir e Danny sempre a esparvoar e nem metade do que eu passei havia passado. Era um situacionista, sem dúvida, um oportunista que defendia, como outro, o Nada com a Lei...ahahahha

Mas Antero não desistia, não perdia tempo a alimentar noções e pensamentos sobre um ou outro inimigo que tinha, fosse ou não figadal. E o FCPorto era praticamente campeão...enquanto o seu velho se espriava no sofá, entre mil e uma incidências não somente futebolísticas... E o Porto era campeão, nada podia advir contra isso, muito menos Deus, o que não quer dizer que o Diabo fosse do Norte e ainda sentia algum alívio, não só pelo sofrimento que o Benfica fora obrigado a sujeitar, mas porque tinha quase certeza que com tempo o Benfica, ou o Sporting, seria de novo campeões, não que tudo isto representasse uma guerra norte-sul, porque não o era em consequência, bastava lá estar um leiriense em Lisboa, vindo de Braga e que era adepto do Benfica...

Não sabia bem porquê, mas nessa altura percebi que os tipos que eram meus vizinhos, da casa da Lena, do Silva e da Palmira, tinham ido chatear-me várias vezes a Moscatel (vulgo Moscat), inclusivé atirando pedras à janela, quando eu estava para tentar dormir. Gente...portugueses chatos e drogados...que se arrastam e arrastam as parvas com eles... Não conseguia pensar positivo, estava extremamente cansado, o cansaço das ciências sociais, que dá entusiasmo mas não dá dinheiro, verdadeiro serviço público sem que a maior parte das pessoas se apercebam. Sim, fui ganhando um certo amor-próprio, ao fim de tanto tempo de humilhações e gozo por parte dos outros, indiferença também, fui ganhando respeito por mim mesmo e pelo que era, sou, represento. E pensando como tinha chegado tão longe sózinho. Isso deveria ter algum valor. Fazia imenso calor e via-me de regresso aos tempos em que passara dias e dias seguidos enfiado na Casa do Jardim, quase sempre deitado. Estava em Riachos há quase uma semana e o meu ânimo ia muito abaixo, não falando com praticamente ninguém e mesmo com a pequena as coisas estavam bastante distantes. Triste, a condição humana, ter de comer e horas depois ter de defecar, por vezes merda preta. E ter de viver esquecendo tudo isso como se nada fosse. Depois, o meu pai era um tipo que não falava. Vinha almoçar e comia calado, deitava-se em frente à TV e assim se deixava estar. Raramente tinha dito algum opinião sobre um opção minha, como se eu fosse o seu anátoma que o prendia à viola. Por exemplo, aos 19 anos, tinha ido à Grécia e ele nem uma palavra, nada, parecia estar empedernido, era uma pessoa que

não falava francamente. Dava-me conta, infelizmente, que era um fascista disfarçado de socialista, quando assumidamente fascistas eram quase todos os daquela aldeia e arredores. Comparado com este silêncio, bastante enervante, só o silêncio de certos amigos na minha vida. Os meus dias estavam cheios de brechas por onde o meu Ser se esvaía, perdendo eu o total interesse na vida. Acordava mal disposto e lá me recompunha e já não falava praticamente nada com a minha mãe também. Estávamos zangados todos uns com os outros e eu era o culpado, o patinho feio. A última coisa que se deve fazer a uma pessoa deprimida é condenar o seu comportamento. É claro que eu pegava numa garrafa ou noutra, mas nada demais e me entrevia em diversos pensamentos bastante negros, mas eu estava nessa busca por algo melhor para se fazer...

Com estas coisas e estados sofre-se desnecessária e estupidamente. Depois da sesta acordava então, de novo mal disposto e aziago, como se fosse mais um novo dia, suado, pronto para tomar o banho que não dava há cinco dias. Fosse como fosse, eu procurava eternizar, sobretudo os bons momentos, fixá-los no tempo e mesmo os banais torná-los dignos de memória, de lembrança, mesmo também os maus, para que quando lembrássemos os extraordinários não embandeirássemos em arco. Procurando assim, um cravo temperado das sensações, das impressões, dos sentimentos. Aquele dia estava quase feito Eu mais bem-disposto. A pequena nadava na piscina e a mãe estava sentada entre as flores, vendo uma revista de decoração. O Adelino? Esse andava por aí, pondo placas de luzalite na casa do Fojão. Mais sofrimento, escória dos outros, que encontram em Antero qum saco de porrada para descarregar as suas frustrações, desde a mãe, à irmã, à empregada do café, tudo por não ter emprego, dinheiro, todas essas coisas, ou por simples ódio de embirração devido à frustração de verem um tipo que consegue estar bem disposto face às contrariedades e ser feliz ainda assim, com o que tem e não tem. Antero não sente ódio nem indiferença, mas em nome de um ideal maior, a sua carreira de escrita, as coisas coisas e pensamentos, deita para trás das costas sem sair do lugar, sem ter ninguém com quem desabafar, sem ter alguém com quem expurgar o excesso de sentido e discriminação que lhe vai nas costas. O certo é que não encontra, nem em

Riachos nem em Moscatel, igual a ele, alguns se aproximam, mas não falam com ele, nem pouco mais ou menos, então é porque tem valor o que tem feito, sacrificando uma possível relação, uma possível estabilidade financeira e emotiva, social, amigos, que ao fim e ao cabo nada interessam porque não têm as mesmas afinidades, eletivas ou não. Vãos são os homens, vivem no instante, a resposta está aqui, algures, perto de mim, e eles estão cegos e não pressentem a sua presença ou a sentem mas não a reconhecem como salvífica, dando pontapés a essa força que deles se acerca. E, em nome de um interesse maior, próprio, essa força desloca-se para longe deles e vê eles se enfraquecendo por sua cegueira e soberba, nunca tendo percebido que ela os poderia ter salvo.

4.

O grande problema de Antenor talvez fosse apenas religioso. Ele queria mudar tudo, como dizia o segurança muçulmano do Minipreço, ele julgava que o Mal do Mundo era sua culpa. Não mais, persistiria através dessa culpa, além dela, porque afinal estava fazendo tudo aquilo que sempre quisera fazer, escrever, investigar, publicar. Por isso não trabalhava, ainda que disso tivesse necessidade. Poderia parecer estúpido, não ter trabalho, mas na verdade, haveria muitos que não trabalhavam a pretexto de uma qualquer desculpa e que teimavam em nada fazer. Ele era um homem de letras, embora já cansado, já farto, até de escrever. Quanto mais só te encontras do mundo, mais percebes quão ridículas certas pessoas podem ser e parecer. Porque anda tudo em função do parecer e não liga à essência, ao abandono de si mesmo. Depois, tinha tanta paciência, porque não era básico, ainda por cima gentil, por isso alguma gente o achava maluco ou deslocado. O certo é que fizera um ato de heroicidade do que o próprio título de campeão da europa, que se faz em grupo, ou seja, uma tese, esforço individual que muitos pareciam não reconhecer. Depois, nesses dias, deixou de ter pressa, até de arranjar trabalho e foi vivendo no seu mundo o seu mundo.

Depois, pensou por instante que se ninguém lhe falava algo havia ter feito para deixar de ser lembrado e se não o incomodavam nem impediam de o fazer é porque poderia continuar a fazê-lo e que seria qualquer coisa do âmbito do definitivo, do fundamental, do etéreo, do sagrado até, podia equacionar. Depois, deixas-te de levar a sério e a própria morte deixa de te assustar e procuras extrair desta vida o teu pómus e ponto de eternidade, seja para quem for, seja como for. E jogas para o caldeirão da sociedade a tua negatividade, como outros fazem, porque alguma coisa há-de acontecer que te fará feliz, as coisas hão-de jogar a teu favor se não te agarrares às duas teses e aos 14 livros que escreveste em três anos. Mais, vives a vida que sempre querias ter vivido, com influências na psicologia social, na antropologia, sociologia e filosofia. Ainda que te chamem de chato e te insultem, bateste bem fundo no coração do saber. O tempo passava, ele deitado na cama procurando adormecer, embarcado

nele. E talvez preferisse ser encontrado nessa domesticação do tempo, arfado e torcido para si mesmo, do que na abertura do Ser, na expressão da sua vontade e necessidades. Ainda que isso causasse sofrimento maior. E andava ele nesses dias, quase cego, enquanto do outro, outro via muito mais do que muita gente e sobretudo com o olho da mente via conceitos, pessoas e desideratos de vária ordem e ainda a forma como estúpidos seres votavam em que estupidamente os governava e enquanto em Riachos votavam para se encherem uns aos outros, em Lisboa para nada (se) fazerem uns aos outros. O português é assim, quando conquista alguma coisa, apressa-se logo a festejar, depois tem a parte da sua personalidade que, pelo masoquismo, pelo adiamento das coisas que realmente importam, acaba por compensar esse excesso de tolice e tontice (Peter Weiss, "Le Fantoche Lusitanien"). E haveria de estar Antero agradecido com quem nada lhe havia dado, desde o seu pai aos seus conhecidos? Aqui a coisa era comico-trágica, todos se encostavam uns aos outros para a tolice não ser maior e saía assim disfarçada de grupo ocasional mais ou menos duradouro. Pessoas que se eternizavam nos seus papéis sociais e que nem sequer tinham a consciência de os terem, pessoas que não se sentiam, para as quais a ética era para os outros, não para elas próprias. Sim, o povo português no seu conjunto, maligno, pequeno, camponês, invejoso, intriguista. E ainda queriam exportar isto. Sofrer pelo mundo? Antero não estava para isso. Parecia ser a maior das tolices.

Porque eu vejo um país sem critério e estrambelhos, que não se sabe dar com os espanhóis e os franceses, aceita tudo o que vem de fora e não se sabe dar ou melhor, dá-se a cem por cento e não tem, de resto, estrambelhos nenhuns. Basta ver as iniciais que mostramos do que somos, POR, facilmente leva ao porn, em inglês. Basta acrescentar um "n" de nú. Estamos dependentes do turismo e não geramos indústria e culpamos o tempo por isso. A nossa música é lamechas e cultiva-se a lamechisse como método de sobrevivência quando os maiores crimes se cometem contra a integridade das pessoas e dos bens, droga a dar com pau, como se corrupção fosse vendável, como se fosse uma estratégia para durar mais. Como o espanhol e oi francês, fazemos corrupção e depois, apontando, dizemos, "corrupção". Isto diz diretamente à classe política, a quem culpo dos males nacionais (e que males são esses?), que vêem a política não como um serviço mas um modo de ascensão social, a maior parte deles privindos do campo e que entram na engrenagem político-partidário. Isto pode aferir-se pela TV. Os canais satélite são itens de uma vida que podia ser completa, todos fogem à praia para falar do vizinho a quem não têm coragem de dizer bom dia, depois de atentados à integridade física. País de sapateiros e engenheiros em que as relações humanas são vistas como engenharias, das mais variadas. E alimento eu um desejo de mudar, mudar as coisas, quando esta pandemia serve para ver as energias psíquicas mais tenebrosas escondidas pelas pessoas virem ao de cima... Ora oito ora oitenta. Num Presidente que delira com estas coisas e pede aos portugueses para serem os melhores do mundo... Mal ou Bem, vou ficando cada vez mais indiferente, mas faço bem mais do que muitos, que têm carro, mulher, emprego e dinheiro, além de festas e sociabilidade. Tudo isso espremido dá bem menos do que o licor de café que vou bebendo. País de belas paisagens, belas praias, bonitas cidades. Mas não passa disso, as pessoas são insaciáveis, não vêm o fundo ao prato, especialmente de Lisboa e mais especialmente ainda os jovens. Hospital psi? Foi estive, várias vezes, por isso sei ver quem anda maluco quem não anda. Não se costuma dizer que os malucos andam cá fora? Causa bastante ver um tipo que se destacou da sua natureza e se erguei como um intelectual da grande craveira e autor de mais de sessenta livros, cada um melhor

do que o anterior, quando as condições se tornavam cada vez mais e mais difíceis. Que viajou e nem precisou muito disso para fazer a sua antropologia. Mais um bela discussão e a vizinha diz "violador!violador!", quando tem problemas psis e não sai de casa, como a outra a quem escreveste uma carta. Sempre haverá bodes expiatórios, mas desculpem lá, desta vez nnão sou eu, passem a outro e não ao mesmo, estas sociedades até são mais saudáveis do que as do norte, cheias de canos e concanetações.Fosse como fosse, eu sabia que corria o risco de pôr a escrita além da vida, que era uma fase o que se estava a passar, semelhante à do Victor, quando sentia a coerção social sobre mim, como um acochado e fazia muita coisa perfeita, acabada, e ainda levava porrada por cima, enquanto muitos estavam deliberadamente bem dispostos para sobreviver, no anátema jurídico-familiar. Os problemas que tinha tido até me faziam jeito, não se atreviam a tocar a mim, a não ser que eu me revoltasse, andava sempre atrás da minha mãe a ver se ela precisava de alguma coisa e ele tomava isso como chateação, que não a incomodasse, pois nunca havia gostado de mim, o irmão do meio e a minha irmã enchia-lhe a cabeça todos os dias. Um antropólogo preso na aldeia, na família, poder-se-ia dizer, e para mais abandonado pela academia. Mas eu convivia bem com isso, com a rejeição. Desde sempre fora a ssim, desde sempre dera a ganhar aos outros. Até um dia em que ganhei consciência, do meu valor, daquilo que ainda podia fazer, memso sem embarcar em capelinhas e jogos de interesse e mesmo não sendo advogado, pois a mente das pessoas estava estruturada em termos do que é certo e do que é errado e maior parte só faz borrada e vive sobre essa borrada, vangloriando-se por ter feito borrada.

5.

Desejei não ter carro e essas coisas e amelgar muita gente, inclusivé através da escrita. Mas não sabia (o) que iria acontecer, mas era sem dúvida um macho reprimido que estava explodindo, muito por culpa da família e do meio, de um país que vive à sombra da lei e que não é sinceramente triste, mesmo sendo português, porque ora está eufórico ora deprimido. Mais um fadinho. Assim não vais nem sequer à beira da barca, ó lusitano. E percebia porque é que muitos italianos torçavam dos portugueses, do seu espírito, talvez com menos maldade do que os franceses, que o faziam num sentimento de superioridade e não de nojo. E era eu que iria mudar as coisas do meu povo? Eles não me conseguiram mudar a mim...Deixar de fumar? Porque razão? Eu tirava prazer do acto de fumar e muitos fazem sacrifício para se manterem à tona!... Confiando demasiado nesta vida que têm ou não na mão.

Sim, estava ainda em Riachos e o preço de um bilhete de comboio poderia de novo levar-me a outras instâncias, mais ou menos atraentes, em Lisboa. A culpa da minha situação não era só minhas, mas em grande parte era, porque eu raramente reclamara o que é meu, mesmo o que conquistei, sendo usado para os mais variados fins, interesseiros ou voláteis, o meu nome, o meu saber e prestígio, a minha proveniência. Mas...se eu visse por outro lado, eu era mesmo quem pretendi ser, quem pretendia ser: um escritor prestigiado e respeitado, um brilhante antropólogo, *au-delà* da metodologia, um bom filósofo. Ainda que teso, rôto, mais do que notável, brilhante. Ainda que sem algumas coisas, talvez um pouco pessimista e investindo por vezes em cavalos de quem ninguém queria saber, ou seja, esta terra, Lisboa, este país. Sim, quem investe em Portugal que não seja para férias, beber e tudo e mais alguma coisa que não é absolutamente sério? De modo que a mim também me sabia bem um encostozinho para marcar território... Para mim, se fosse questão de apresentar uma prova do meu trabalho, dos meus trabalhos e dias, a aprovação da tese apenas era uma questão de tempo, eu pre-sentia isso muito intimamente e mesmo socialmente, fora de mim. Depois, a questão antropológica do longo trabalho de campo num mesmo contexto, numa mesma aldeia e o antropólogo, mais do que o sociólogo, como

agente de desenvolvimento, distinto das autoridades locais, ou seja, uma espécie de íman humano das coisas boas e más da aldeia, ou seja, quando ele sai da aldeia, ela fica entregue a si própria e perde o seu demiurgo, o seu deus, ficando desgovernada. Porque convém muito que deus não seja visível e eu com o pessoal antropólogo que encontrei não quero mais ter a ver, não quero mais saber dessa gente de encolhidos e capelistas, que por vezes, sabendo, têm mais manhas do que os políticos que, no fundo são babacas fantoches e nem sequer têm na cabeça nem sabem o que fazem. A equação, de resto, é simples: se Deus é (também) humano, eu sou, tu és, também deus, ou sejas não és uma merda, é algo que se vê e importante, ou seja, tu e ele são deus, são capazes de coisas maravilhosas e todos, no fundo somos Deus enquanto pensarmos o Bem. Sim, sinto-me só, estou perto de muita coisa e longe de alguma coisa, talvez também muita, por isso o momento da libertação será meramente mecânico e soará a alívio, para não dizer frustração. Depois, aprendi a domar-me de modo a não mostrar a minha masculinidade de modo agressivo ou descontrolado. O homem debaixo de mim, sob a capa da minha fina voz, estava explodindo aos poucos, aos repelões até, de modo a poder vir à superfície de mostrar-se em toda a sua plenitude. Ou não, ficaria eternamente sob a capa da minha voz delicada como compromisso pelo que haveria para viver. Porque, conseguiste muita coisa ainda que a um tempo sem o apoio de ninguém e agora estás sereno e nada te pode abalar. Podias ter ficado comigo e terias ficado se eu não te tivesse dito a verdade, por isso, otaste por ir embora sob a minha permissão para eu te deixar voar livre para longe e ao mesmo tempo perto do meu coração.

Mais tarde ou mais cedo, tinha de acontecer, perder o brio de morar em Lisboa, perder a paciência de estar em Riachos. Estava à deriva. A suposição dos laços num lugar e noutra, mais ou menos imaginários, impedia o meu corpo de se lançar à primeira mulher que o quisesse e, depois, teria de sobreviver além disso, como se fosse uma aventura um sacrifício, não dando importância aos laços. Fosse como fosse, ninguém me iria mais dar importância, por isso dispensava e dispersava o esforço para me tornar notado, notório e podia finalmente viver a minha vida, cuidar de mim como nunca o fizera antes. Antero estava perdendo a visão do olho direito enquanto tentava curar o esquerdo, que já nada via....

Solidão. Sentia-a bastante, de quando em vez, de vez em quando, frequentemente, sob as mais variadas formas, de uma forma perene ou ocasional. Mas estava lá sempre, comigo, ao meu lado, suprimindo o meu compromisso, social ou pessoal, com alguém. Deveria jogar bridge ou cartas?

A minha cabeça não descansava, finalmente, entre Riachos e Lisboa, pensava em ir até Lérida, mas não havia já mais autocarros, pois eram férias das escolas, Pombais estava ao mesmo tempo perto e longe demais. Em Lisboa, teria de sair mais de casa, em vez de estar absorvendo todo aquele fumo que engolia num apartamento onde o calor do verão quase me tirava o ar e abatia, ao mesmo tempo que o coração se enfraquecia...

Sim, a filosofia funda-se na experiência e no mundo sensível, técnico. Por isso será, em princípio, mais válida do que ele mesmo...

Pensava, pensava, havia perdido a dentadura de baixo quando o comboio fora suprimido no em Tróqueimen e tivera que aguardar duas horas mais, pedir dinheiro aos meus irmão e ouvir um resposno mais da minha irmã, enfim, como não tinha quase rendimentos, tinha de aguentar, pois eles estavam a aguentar-me financeiramente, até continuar a publicar livros na Amazon, talvez um destes dias vendêsse alguma coisa e que tal constituísse para evitar o que estava a acontecer, a perda da vontade de escrever...

Até a pequenita me dizia que eu não trabalhava. Depois de algum tempo, cheguei a

uma conclusão provisória: concorrer a concurso-públicos nas pequenas cidades e cumprir um contrato de trabalho, tendo para isso que alugar um quarto e encarar um dia de trabalho. Teria ainda saúde para tal? Porque Lisboa já não estava a dar... Não quer isto dizer que teria de vender a casa em Moscat.A não ser que a minha Consultoria dos Afetos resultasse cada vez melhor e melhor...

Havia qualquer coisa com Antenor, irmão de Antero. Qualquer coisa o puxava para baixo, para um vazio, vão, existencial, negando-lhe o importante das relações, remetendo-o para um espécie de isolamento mental medieval ou coisa assim. Algo que tinha que ver com a ausência de critério na vida social, uma certa falta de unanimidade que fazia com que a sociedade fosse por ele vista como obscenamente reaccionária e, logo, assustadora. Sim, preciswava de outro cenário, mas por enquanto vai servindo este. Numa ida ao café, uma simples versão esclarecedora dos quadros sociais da aldeia. Passo pelo maricas da terra, que vai ao café e nada diz, está ali como estátua de um modo de comportamento que a maioria reprova. Dirijo-me ao balcão e Brígida já fica mal-disposta, de me ver, com a cabeça a dar a dar, mais parece a libélula lá da Expo. Entram um o dois tipos a mandar bocas. Não ligo. Vejo uma das vacas frias da terra, a quem já propus alguma coisa mas que sempre foi adiando qualquer compromisso sério com alguém. Olho para ela, sinto que não quer falar comigo. Desvio o olhar e levo o café para o recanto dos fumadores, onde dois homens trocam a máquina de tabaco. Brígida vem cumprimentar um casal com um tipo de fato de macaco e a mulher, um tipo canastrão, parece um poste e gentilmente lhes serve café. Estou ali, a ouvir bocas, pouco dizendo e saio dali a pouco. Muito pensam que sou gay, bicha, mas desconfiam que sou um macho discreto, ainda que com barriga e calças à italiana, o que os enerva solenemente. Tudo isto me foi tornando um tipo duro e divertido e comecei realmente a extrair dos dias algum tipo de satisfação sendo eu mesmo. É curioso como as pessoas são fantoches de papéis sociais, insistindo nesses papéis obsessivamente para manter um papel social, interesse, paparoca, não tendo nenhum tipo de pensamento crítico ou criativo, vivendo sexualidade bacôcas e repisadas. Sim, eu tinha ainda algum medo, hesitações. Mas

tinha o dia inteiro para isso. O velhote estava de cama, vendo televisão e pouco ou nada dizia. Estranho...a minha libertação económica dependente da ausência de uma pessoa. Nunca tinha pensado nisso e preparado tal cenário. Mas estava acontecendo. A mão, por sua vez, não me podia ver, estava chateando-me a todo o momento, como que tentando evitar que eu desse lugar a coisas que ele nunca pensara ameaçadas e telefonava insistentemente para Samoa. O Velhote foi para o hospital, às tantas tem a gripe Covid-19, mas creio que virá bom depois de passar um par de dias no hospital. Ando aqui em casa sózinho de um lado para o outro e leio um pouco de Lobo Antunes, Kavafis e Córtazar. Deveria dedicar-me à poesia, já que a prosa vai outrossim bastante arrastada... Mas prossigo, no intuito de acabar este relato sobre os irmãos Antero e Antenor.

6.

No fundo, se eu me fizesse a uma série de mulheres que orbitavam sobre mim, qualquer uma delas cairia, pois eu tinha nesse tempo, ainda, e sobretudo a partir dali, todos os quesitos para ser um bom partido. Mas...aguardava pacientemente que alguma se declarasse, claro que depois de seis meses sem sexo, ainda pensava, mas conseguia dominar-me, em nome talvez de um grande amor. Mas...neste contexto, digamos, social, estamos demasiado conscientes, ou seja, hiperconscientes, o estamos verdadeiramente inconscientes? Não estamos vivendo demasiado o momento, sem tempo da reflexão porque temos receio, medo até, de deixar de estar em comunicação com uma certa e determinada instância de fruição, de comunicação total, que nunca acaba mas que poderá acabar connosco, com o nosso espírito crítico, com a nossa auto-consciência que, evidentemente, não gera grandes amigos nem bruá, e silenciosa e árdua como as plantas que nos crescem ao pé dos pés, não se esforço, querendo nós o fácil, o imediato, o que pode ser trocado porque de certa maneira isso é testemunha da vida, a faísca, a troca, o valor de troca, o intercambiável que nos excita? Onde há lugar para a reflexão? Sendo que a reflexão se segue à acção...

Em tudo isto, uma obsessão tem o valor que lhe dás... para tudo é preciso esforço, até para ganhar é preciso perder, ninguém nunca ganhou em toda a linhas, mesmo aquele que adoramos foi pregado na cruz como um grande falhado. E vê no que se tornou a sua memória após a mortel...

Sim, podia estar longe, podia estar na América, onde era tudo "à grande" ou mesmo em França, mas estavali, de um lado para o outro, na casa onde passara grande parte da minha vida, calmo, reconciliado comigo mesmo e, ainda que ansioso um pouquinho por ter ainda muita coisa por fazer, feliz. Sim, eu parecia ser o mais louco dos sábios ou o mais sábio dos loucos; mas descobri nescas de felicidade onde ninguém se atreveria a vê-las...

Sim, deveria estar longe do cenário do meus livros mas, não sei porquê- o meu corpo permanecia atado a eles como à própria vida como se estivesse vivendo neles de

novo, recreando-os, entre parvos e parvas. Enquanto pensava no violento vizinho de cima, que me invectivara duas tentativas de agressão, ouvi a notícia do assassinato de um actor negro em Moscat, perto do local onde passava todos os dias para levantar dinheiro e fazer compras. Teria sido um velhote com quem o ator havia gerado inimizade e por lá não é difícil fazê-lo, gerar inimizade, o local está cheio de pessoas agressivas e violentas, umas mais novas outras mais velhas. Quanto ao meu vizinho de cima, cuja mulher era segurança, já por várias vezes me haviam depreciados e ele tentara-me agredir por duas vezes, como disse. Estava à espera de uma terceira para ir fazer queixa à polícia. Gente sanguinolenta.

É claro que tinha a impressão de ser abandonado, de tudo perder, de ninguém me ajudar, desde a procura de trabalho a tudo o mais, às mulheres inclusivé. Passavam-se dias e a minha resistência era posta à prova a todo o momento, tentando manter vivas no espírito as coisas que conseguira fazer para me sentir válido e poder continuar. O velhote estava no hospital e eu resolvi, nessa tarde de final de Junho, em casa, apenas com a companhia do gatinho da pequena. Resolvi deitar-me a meio desse tarde para descansar...depois de um cigarro.

Por vezes pensava que era devidamente discriminado, tanto na capital quanto na aldeia. E não deveria fugir muito à verdade. Para "não se armar em esperto" -como diria a vizinha de cima. País triste e essa tristeza refletia-se no meu estado de espírito. Mas eu não desistia de me sentir melhor, de me sentir feliz. Espero, espero que eles venham de Lérida. Meu pai deixou as chaves dos vários carros e não tive a tentação de lhes pegar. Fui ver o pequeno cãozito ontem, estava exasperado. Hoje fui de novo e estava mais calmo. Sim, tenho várias obsessões, entre as quais a de fazer diversas coisas, sair de carro, conhecer alguém, ir até à praia, mas nada disso posso fazer nem sequer com a minha irmã e os pequenos ou o meu irmão. Que faço eu então? Arrumo livros, leio um pouco, vejo TV, ando de um lado para o outro, fumo um ou outro cigarro e, quando tenho inspiração, venho escrever. O tempo passa e a minha vida por resolver. Talvez tivesse de ser assim.

São oito da noite. O Adelino ainda nas urgências. Topo que ficará por lá uns dias e talvez seja a gripe. Ou então está abalado do coração e terá de ficar em convalescença

uns dias. Espero que volte, sinceramente. Isto não é mesmo sem ele.

Chegam afinal do hospital e a minha irmã começa logo a implicar comigo. Sortilégio, o meu, para apanhar uma gaja destas que devia era chatear o marido. E a minha mãe apoia-a em tudo. O pai ficou no hospital. Problemas dos rins. O que eu aguento sem apoio de ninguém! Aos anos, aturar esta tipa que me está sempre a chatear e ofender, que me põe abaixo de cão mais do que ao marido porque o quer sublimar. Doida! Para ela eu sou o maior escroque que há e tem uma ambição ilimitada, como se, depois de viver para o Parecer, ainda quisesse ser a maior ou pelo menos pisar por cima de mim, maior do que eu, com amigas e tudo o mais naquele ambiente hipócrita de Pombais de que eu não sinto falta alguma. Ela bem que me queria ter pela mão como um cachorrinho para inclusivé adorar o maridinho, mas não conseguiu.

Ela nunca gostou de mim. Sempre se achou superior, embora eu em muito a tenha ajudado. Nunca lhe bati. Por isso ela acha que eu sou como que uma entidade superior que interessa usar e descartar, ofender a todo o momento como se fosse um boneco. Depois, em 2016, insultou-me como se eu nem sequer fosse irmão, na Expo, meteu-se com actores entre os quais o Ricardo Carriço, que foi lá por essas bandas para estudar o papel e nem sequer teve o desvelo de falar comigo pessoalmente. E eu tive um ataque cardíaco. Isto, noutros termos é tentativa de homicídio. Mas eu sobrevivi, sobrevivi e deixei passar, mas ela continua ofendendo-me a todo o instante, como se quisesse eliminar-me fisicamente. E coadjuvada pela alma peregrina do maridinho.

É este o escrito que tenho para ir desenrolando. Nem posso falar à minha mãe, ela leva tudo a mal do que eu digo, chama-me nomes e aí tenho a certeza que, como ela me disse, "não devia de ter nascido". A minha irmã aproveita-se disso e, logo, o meu cunhado. Bem, o que se passou com o Vítor não sei, mas acho que fui muito além e continuo vivo. E os vizinhos espreitam pela janela, como que curiosos por discussão e barulho. Malta cigana. Assim sendo, a visão do olho esquerdo de Antero foi desaparecendo, mesmo depois de lhe se tirar o véu da respetiva catarata e toda a sua

força visionária fora canalizada, de dentro para fora e de fora para dentro, para o ciclópico olho direito...

Chego a casa a mãe recebe-me logo mal, diz para ir trabalhar, entre outras formas de silenciamento a um tipo que, como eu, está contetnte por ajudar no que for preciso. Como me quisesse anular a todo o momento, já com o Vitor era assim, e a minha irmã é igual ou pior. Não há trabalho. Esse é um facto. O mercado de trabalho não está feito para pessoas como eu, que prezam a liberdade criativa total, ainda que sob um certo chapéu, de chuva ou de sol. Instalo-me logo no meu estaminé e prossigo, ora bebendo um pouco de vinho, ora um Delta, numa forma de estar ocupado. Retomo certas leituras e deixo-me estar no meu campo, ainda que bastante a contragosto. A Faculdade não diz nada e eu vou tentando esquecer, ao ponto de ser lembrado um dia. Procuo estar em forma psicologicamente e devidamente actualizado para o dia da discussão. De modo que Antenor deixa de escrever aos poucos. Cada vez menos, porque a primeira impressão quase caíu em certo roto. E ainda que ele continuasse a exercer a sua profissão, chegou a um ponto em que dominava por completo a escrita, tanto literária quanto académica, vulgar ou do senso comum. E só, na maior parte do tempo. E no seu auge não recebeu apoios do estado para o seu trabalho e seus projetos. Mesmo assim, prosseguiu. Depois, decidiu parar por um pouco. Mas não conseguia. Era o seu trabalho. Talvez o fizesse até ao fim, dentro ou fora da academia.

Enfim, creio, na minha experiência da escrita, que ela mesma não é mais do que o esforço, 100% de transpiração, não só porque toda a inspiração não só resulta do esforço, como é esforço, uma puxa pela outra. E, quando vou ao café ver Brígida, mesmo que esteja nervoso enquanto macho discreto, regresso a casa inspirado para o acto da escrita e penso nas merdas que os actores de teatro e televisão dizem antes de entrar em cena. Deve ser terrível. Certamente que, se fosse comigo, nessa altura preferia não ter cú.

E, aliás, não terá o ensino perdido a qualidade devido à falta de esforço? De um lado, uma autoridade impositiva, aulas teóricas, por outro a delinquência e desleixamento dos jovens que, digamos, fazem o que querem no recento da escola, porque talvez não o possam fazer fora desse recinto, tornando-se a escola palco de resmunguices,

violência de vária ordem, entre as quais bullying, num traço de mentalidade onde se digladiam duas visões completamente diferentes do mundo: a do macho dominante e a do submetido. Para haver um tem, necessariamente de haver outro, numa lógica senhor escravo (Hegel) que atravessa também o mundo do trabalho, das empresas, da universidade, entre os quais muitas mesquinhices como as sexuais e as do youtube e instagram, que denunciam enviesamento esquizofrénico no modo de ver a vida e o mundo...Mas, no Norte da Europa, não fazem melhor, os alunos deixam o livre curso dos seus espíritos numa lógica de um cem por cento de inspiração, os alunos mandam no professor, ou seja, o professor passa a ser um aluno, ou seja, perde-se a lógica da transmissão de um saber profissional, mundial, e as sociedades tornam-se medonhamente igualitárias. A carreira académica, como qualquer profissão é, por si, resultado de um esforço, porque só o artista precisa de inspiração. Portanto, eu mesmo assim, acho que os alunos portugueses são dos bem mais preparados do mundo e acho até que os professores não precisam de ser tão bons, de haver tantas matérias, quando o mundo da vida (Heidegger) é substancialmente outra coisa...

Depois, deixei de ter pena de Antenor e fui sendo normal, emocional, muito mais do que isso, sensorial, nas minhas relações e isso custou-me bastante porque andava muito nervoso, mas tinha de fazer isso pelos outros, pelo outro, não fosse eu mesmo antropólogo, ou seja, aquele que está feliz quando os outros estão (quase *modestamente*) felizes. Sim, uma vida sem emoção não é nada, porque é desligamento, *natura naturans*, sublime e uma abertura (ainda que temporária, senão não a suportaríamos) ao infinito e transcendente. Talvez o sexo é isso, por isso é a maior riqueza, juntamente com a religião, que o homem traz dentro de si. Se tiver duas, três coisas na vida, é o maior princípio e motivo de felicidade que pode durar anos e anos se a sociedade tiver a folga que se tem (ainda) em Portugal para fazer as mais variadas coisas, que eu considero mais importantes do que aquelas que se podem fazer (mesmo para um escritor) do que em Nova Iorque e Londres. Por isso é que ainda não fui para lá. Aliás, gosto deste café.

Quando mundo te foge, deixas de o querer agarrar em querendo agarrá-lo todo

como um tudo, mas ele esvai-se e tu dás a ti mesmo o valor e a dignidade de existir (em vez de insistir). O artista que era Antenor estava a um ponto de descobrir uma tradução (de preferência breve) que traduzisse a vida, ou seja, que definisse o que é a Vida, indo além das letras e procurando números e cores. Era em certo sentido um MadBoy, um pintor de palavras e acasos mais ou menos bem definido. Mas essa visão, essa fórmula, teria de se estender a todos os Seres (vivos ou mortos), ou seja, teria de ser uma fórmula que se estendesse de certo à sua forma de ver a vida, à sua biografia. Essa visão seria a sua visão e não a do Outro, porque ele se fizera por pedaços da vida de outros...

Com isto tudo, ainda que sem o Olho, Antenor resolveu dedicar-se à pintura.

Nessa tarde, depois de ter falado com Antero, acabei por ter de deivar ferevr menos o meu sangue espanhol e, eivado de uma maço de tabaco, deixei desfilas diante de mim as minha ideia, antes a rabujisse constante da minha mãe, mas pronto, eu lá aguentava, convencido de que viera para descansar, acabei avançando mais nesta narrativa.

Depois, o sucesso como escritor tardava, a faculdade nada dizia, em silêncio que eu sabia prolífico para uma qualquer coisa, mas pombas, eu era bonito, nunca tinha precisado de me esforçar...

Desconfiado de que quanto mais fizesse, pior seria, mais valia deixar as coisas seguirem o seu curso, Antenor começou a seu, pouco a pouco, segundo a sua experiência, mais prático e mais sábia, sabendo que se aproximavam grandes factos e sucessos na sua vida...

Ao fim de tanto tempo, mesmo tendo posto a aldeia no mapa cultural mundial, ahavia escárnio e maldizer, ódio e maledicência naquela gente rancososa e invejosa, no fundo, que nunca tinha tomado a morte nos braços, ou seja, pessoas que ainda por cima o criticavam e, note-se quando estivera doente nada haviam dito e nos anos anteriores ao desta escrita nem um olhar de aprovação pelo seu esforço...por isso, Antenor mantinha, mais do que nunca, a fé em si mesmo ante gente tão bruta, contrastante e desordenada...

O papel do palhaço, do Joker, na sociedade, é, por vezes, bastante ingrato. Ele diverte os outros e nada recebe em troca, talvez apenas alguns sorrisos. Quando regressa a si mesmo, confronta-se com a solidão e sofre, duvidando de si mesmo. Só um grande sentido de orientação e vocação (ao serviço do outro) o recupera e o traz de novo aos palcos, do teatro, do circo, do teatro-circo. Porque nem todos procuram a plena satisfação egoísta faze ao mundo e suas solicitações. Está certo. Antenor era uma referência, tal como Euclides em outros tempos: tudo o que faz, diz ou pensa é copiado pelos outros porque ele é uma referência. Era caso para dizer, enfim, em terra

de cegos quem tem olho é Rei.

Depois, descobri na minha irmã uma pessoa totalmete diferente e com a qual mal podia lidar. Os vizinhos nada diziam, em Riachos, uns para os outros. Enquanto muitos e eu, que vinha de quando em vez ver a minha mãe e até para não ter de estar a gastar dinheiro em Lisboa, era acusado de a estar a chatear, quando os outros, alguns dos outros, davam em debandada maluquinhos da cabeça. Em dois dos vizinhos era assim, mas eu não ia ao ridículo de exagerar e dizer que seria em todos, mas não, a minha irmã, sempre a minha irmã, com uma doença ainda pior do que a minha, sempre autoritária, a querer ter razão. Tinha de me estar sempre a defender do seu mau humor e bocas, enquanto a minha mãe não permitia que eu falasse e se o fizesse, se me defendesse, dizia logo que era uma desgraça. Tirando a minha mãe, e cosniderando a minha irmã, são mulheres que gostam de humilhar homens. Está sempre a discutir, com a doença que tem e quanto mais valor se lhe dá pior é, é bem mais prepotente do que eu. A casou com um tipo que não é melhor, desculpem, pior,

Eu era também bastante crítico, estava sempre, quase sempre habituado a ceder na minha vida e não me dava o devido valor, sobretudo pela pornografia e consequente frequência da psiquiatria. Também a falta de desporto e de amigos bem como o excesso de medicação e, quando estava só, falhas graves na alimentação, fizeram de mim quase um trapo. Mas estava a conseguir defender-me e impôr não só o meu estatuto, mas a minha visão, ainda que reformado, ainda que quase alcoólico faziam dois anos...Olhava para a cama a via-a vazia, mas tinha de espera alguns dias, até receber, para pelo menos ter o afago de uns braços, coisa com o qual sonhave e estava pleno nas minhas aptidões sociais e sexuais, disso não duvido. Ironicamente, algumas obsessões ajudavam-me, talvez mais do que os medicamentos, a acalmar, outras provocavam uma deriva neurótica e psicótica, a que havia a somar o já tradicional neurosis anal que, obviamente para mim era só isso e nada mais do que isso. Eu sabia intimamente que não era gay naquele tempo de lobby gay e que estava cedendo a essa escola ou forma de viver porque ainda não tinha na mão o diploma que me daria uma certa prepotência e "poder" social. Mas não vivia obcecado com isso, mesmo que nunca mais viesse, eu não deixaria de procurar o amor hetero. Estava um pouco

chateado com O Jonhy Guitarr, que me humilhara estando eu sedado em sua casa, numa altura em que estava escrevendo o meu primeiro livro. Só as pessoas fracas da cabeça humilham e batem, olha, o meu pai só me deu um chuto no rabo, se calhar até foi merecido, pois aos sete anos já andava a guardar tabaco para os outros. Ao Jonhyy apeteceu-me dar-lhe uma valente sova assim que recuperado, se calhar estava bêbado um frustrado por não arranjar mulher, talvez problemas maiores do que o mau e eu fui deixando o assunto morrer em mim e até falava com ele de vez em quando. Além do mais, não sabia o que ganharia em insultá-lo ou ameaçá-lo. Há sempre em nós questões que não se resolvem facilmente e vamos andando carregados com elas, que acabam por se dissipar aos poucos...O mundo é tão diverso...omundo acontece...E agora estava já longe de Lisboa, perto do sobrinheiro e da pequenita, que me encharcou o telemóvel de água. Até nem lembrava do carácter insultoso e humilhante da minha irmã. Acho que era apenas mais uma parva, como tantas outras mulheres...e digo nada disto por motivos machistas, era a realidade, as mulheres estavam mandando nos homens, mesmo em termos laborais e de opiniões e eles, que precisavam delas, estavam com a habitação da cabeça de pantanas...

Depois, mesmo pensando que a fórmula podia ser roubada, Antenor resolveu escondê-la debaixo do colchão e dizer que não havia fórmula nenhuma da Vida, nem químico-física nem filosófica, a vida era seguir em frente, fazendo sempre qualquer coisa no caminho adiante, não se pode estar sempre a meditar e a refletir, o organismo, a mente, não aguenta, porque depois tudo se torna triste, relaxado, decadente...tem de haver alguma indústria, alguma técnica, alguma resolução, aviar cartuxo, as relações também são feitas disso, mesmo para mim, que seja mais reservado e até bastante misógino.

Sim, a minha solidão era imensamente mental, mas também física, emocional, afectiva, e tinha que ver com o toque, o contato. Talvez voltasse a entrar no Hospital para pedir uma receita de medicamentos ou ter uma consulta, afinal era o Hospital da Especialidade da área de residência. E eu dava tudo para ter um doutoramento e poder fazer alguma coisa com ele...

Depois, em duas horas, não me saía da cabeça o dito de um jovem adolescente no ISCTE: "és uma merda", disse-me prontamente sem começarmos conversa alguma, eu estava junto do si grupo. Queria exhibir-se ou apenas ter a oportunidade de desrespeitar um mais velho. O problema é que eu não sou primário, fico tenso e não reajo. Isso é um problema? Talvez seja. Mas a atitude do jovem equivale à dos três professores do departamento de Antropologia que se juntaram para me dar porrada. Gente triste, essa. Eu vou continuar a tentar todas estas e outras coisas que me acontecem...E descubro que devo descobrir cada vez mais os pontos positivos das coisas...

Antero, ainda com o seu olho, via bem a situação: tinha tanta alta e auto-estima que

por vezes tinha de ser humilhado não se sabe bem porquê nem vindo de onde. Por isso estava treinando o seu soco fatal, só bastava um soco, num contexto de plena psicologia social. Tento dormir, o que não é fácil, entre dois pensamentos insistentes que tento esquecer, o riso dos Vizinhos Vagabundos e o facto de meu pai ter levado para o seu quarto de cima os dois comenados da televisão. Parece que quer cortar os pés ao filho, ao mesmo tempo que o deixa abandonado à sua sorte, como se exigisse mais e mais dele, quase até desfalecer de esforço, como se depois de tudo isso o filho ainda tivesse de trabalhar nas obras ou coisa assim. Já a pensão de Antero tinha sido uma coisa assim parecida, numa mentalidade em que mais vale fingir face ao Estado para amealhar mais uns cobres...Mas bem, Antero mal conhecera a sua ajuda para alguma coisa, ele sempre estivera ali, ao mesmo tempo presente, mas ausente enquanto pai e amigo...

Antero tinha dores no corpo depois de uma sesta reconfortante. Andava às voltas, como sempre, na sua situação, pensando o que podia fazer. Ah Se tivesse um carro! A sua vida parecia não fazer sentido, mas ele procurava-o constantemente e deixava-se ir, por veezs, e forçava, por outras vezes. O pequenitos Cremildo ficava um homem e já tinha bigode, enquanto a pequenita Leonor via as suas capacidades criativas aumentarem, assim que via séries e vídeos brasileiros e norte-americanos... Nesse tempo, emso com a China, o Brasil e a Índia enquanto grandes potências a nível económico e de influência em decisões de carácter mundial, a influência americana era absorvida por todo o globo, a sua maneira de ser na gestão das empresas, o ainda grande fulgor de Hollywood, e particularmente em Portugal isso acontecia sobremaneira, à medida que a influência francesa parecia decrescer, a não ser nas universidades, onde uma série de lídimos pensadores ainda faziam sentido. E as coisas faziam, ao fim da tarde, um certo sentido, uma pequena caipirinha, um cigarro e a mente repousa com o cair do dia.

10.

Sim, Antenor parecia não aguentar muito mais da sua libido, foram oito meses sem conhecer mulher alguma, mas isso talvez tivesse a ver com a sua vida de cientista social com um só ciclópico olho, falta de entendimento, falta de reconhecimento, de convívio, excesso de filosofia. Esperava-o, a virar dos dias, ora um grande amor, ora muitas meninas. E não devia ser assim tão mau estar ali, encostado ao Rio Cabrunca, entre a natureza, a humana, a social e a natural.

Acima de tudo, não tenhas vergonha de Ser, de Pensar, se essa for a tua tarefa. Em todas as sociedades há um ponto de equilíbrio que é preciso manter. Uns são de uma maneira, a maioria, mas deixa ir, essa não é a tua vida, "tu casaste com as letras", como te disse Miriam.

Seja como for, podemos encontrar-nos no outro lado. Há sempre em aberto, essa possibilidade, logo, vive o que está do lado de cá. Intensamente, de preferência.

Muitos estão longe dos pais e vangloriam-se de grandes feitos, outros estão com seus pais e ainda os censuram, como é o caso de Antenor. Quanto mais se empenham, querendo ajudar, tomam isso como uma intromissão, como se quisesse mandar. Então, tomei como certo a atribuição do grau de Doutor, na verdade era só uma questão de tempo. De dinheiro, não sei.

O gatinho tinha vindo de Ancião, malhado, parecia vindo de um romance do Aquilino Ribeiro, a pequenita intrigava-se com ele e perguntava-me se eu era veterinário. Não, nem antropólogo sou, miúda. O gato agora estava no telhado e tinha dois níveis de descida vertiginosa antes de morrer ou viver. Tinha subido pelo lado de dentro da casa. Depois, deixou de havre Deus, procura, sentido. Uma boca daqui, outra dali, queriam ser pós-modernos (e não modernos) e depois não se aguentavam com isso. Sapatadas. Muito devagar anda o português. Não ajudam os filhos e depois querem resultados e se os filhos os ajudam, abdicando muitas vezes de uma carreira e de muitas outras coisas, dizem que os estão a chatear. Na pequenita havia bastante maldade e azedume para com o tio, especialmente vinda da mãe e da avó. Que podia fazer se nã tinha dinheiro? Deixava andar e esperava até a semana seguinte. Então,

chegou o tempo da sesta. América ou a ansiedade de estar prestes a conquistar o mundo e voltar ao ponto de partida. E fiquei pensando na fraeseologia e Moma, um ancião da aldeia de Riachos: "Para conseguir alguma coisa, é preciso molhar o cú!". Nem mais.

Muitos dizem "olha aquele!" e não olham para a desgraça de si mesmos enquanto pessoas... Todos falavam uns dos outros e não uns para os outros. Esse era o maior problema da sociedade, não o Covid-19...

Um dos grandes problemas de Antenor não era exatamente o olho ou a falta dele, mas como perpetuar a memória do pai, ainda vivo, quando este pouco crédito lhe dava. Não que ele tivesse conseguido pouco, mas porque se estava a borrifar para o que quer que ele fizesse e ainda esperasse dele grandes coisas. As pessoas, o escritores, apenas querem uma vida bem vivida, não querem arrebatamento (e arrebatamentos) *post-mortem*, pois sabem que a vida do além é "coisa", domínio, de outra ordem. Ou então ninguém sabe e andamos às aranhas.

Podia pensar "quanto mais se faz pior é", ainda nos tomam por um pedófico ou predador. Mas Antero deixava-se ainda, ainda que lhe pendia sobre ele grande censura social e ele decidira, de tempos a tempos, aproveitar a vida, ou seja, tomar alguém nos seus braços. Nada mais lhe faltava, tinha conseguido tudo, os livros, as teses, uma actividade mais ou menos filosófica, mais ou menos antropológica. E ele era também um pedagogo, gostava de moldar as pessoas, indo de um lado para o outro e não levando o dinheiro que os psicólogos e advogados levavam. Apenas lhe bastava, na sua jornada, um pouco de comida, bebida, tabaco e café...

Assim, com um simples sinal de cumprimento, reconciliara-me com dois dos vizinhos com quem tinha andado às turras, numa tarde quente de Agosto... Dali a pouco, depois de ter comido omelete e bebido três copos de água, deu-me, mais do que uma náusea, uma azia e previa não faltar muito ora para o vômito, ora para a caganeira.

Depois, dada a sua condição, pensou que não era nada cego, que via muito mais do que muitos e aqueles que para ele olhavam, sobretudo as mulheres, é que seriam cegos dos dois olhos da cabeça...

Chegamos então ao ponto nevrálgico desta narrativa. O facto de Antenor perder o seu olho, parecendo que não, aumentava a consciência em Si, do Sai, pelo que tal era raro nesses tempos que ali corria pela aldeia e pela grande cidade, uma ao lado da outra. Enquanto a maior parte tinha demasiada consciência de Si, como dizia o filósofos, outros não a tinham e eu acho que bem pior. Nem de Si nem do Outro...

11.

Maldição. Já nem me dava gosto escrever. Ainda lia um pouco, com os novos óculos que estava pagando a prestações. Depois, comecei uma batalha contra a União Europeia por duas imagens que circulavam em maço de tabaco tiradas ao meu rosto tapado e ao meu pé ferido quando tinha estado na Maison Blanche, em Paris. Não sabia se levaria a coisa até ao fim, mas já tinha contactado um advogado. Mais dois dias, duas noites, estaria de novo em Lisboa...

Mais uma noite que se levanta no bréu. A pequenita tem o seu quê de má e põe-se, na maior parte dos casos contra mim. Resolvi descansar a cabeça, ainda que no meio de bastante calor, dormindo tendo a impressão que era cada vez mais esquecido pela sociedade. Seria somente uma impressão? Muitos falam acerca da natureza humana e são hipócritas, não praticam o Bem, mas são oportunistas para falar em nome da natureza humana. E descansei a cabeça, de que maneira!

Nada de especial naquele dia de Sábado de Agosto de 20120....

Na universidade de Lisboa, o autor do sistema fénix ainda não tinha doutoramento. Lamentável, como se apossaram das ideias desse homem...

Mas...ainda alimentava dar aulas de Filosofia e Antropologia, fosse no ensino superior, fosse no secundário. Tinha sempre os concursos públicos. Mas, para isso, precisava de ter o doutoramento aprovado...Aguardava ansiosamente...

Sentia-me instável, ansioso, ainda assim estava bem. Estive quase a bater na garota, que se arma em carapau e me trata como um garoto da idade dela. Mas, como com a minha irmã, dali a pouco fica logo tudo bem. Ainda lutava pelo doutoramento, queria dar esse prémio aos meus pais, antes de eu ir, de eles irem.

Na minha vidda não havia grandes fogachos ou estiradas ao mais alto padrão da folia, apenas um quotidiano pausado e ainda bem que era assim, eu só teria de ter um pedaço de imaginação para preencher os tempos mortos Porque é que não leio. Porque é que leio. Porque é que faço alguma coisa ou não faço nada. Não existe fazer nada. Existe o Nada. Faz-se sempre "alguma coisa".

A pequenita crescera mentalmente e eu não havia reparado. Talvez tivesse aprendido mais no *tablet* do que na escola, nesse ano, embora o tipo de conhecimento fosse certamente distinto. A minha mãe também não era nada branda comigo. Meu pai ignorava-me, mesmo sabendo que eu podia dar uma certa continuação à sua presença em Riachos e arredores. É claro que, nesses dias, eu não deixava de pensar no doutoramento. Tinha a minha vida em suspenso por causa dele. Mas tinha confiança, quase cega, absoluta, em mim mesmo, de como era capaz. Passam horas. A doença ataca novamente e mergulho numa profunda depressão, donde não consigo sair mesmo quando penso que estou fora dela...

O antropólogo enquanto autor? O literato enquanto etnógrafo? As pessoas estão, cada vez mais, em Portugal, cruéis e insensíveis e ao mesmo tempo ficam felizes por coisas sem a mínima importância? Que conceito de felicidade veiculam estas pessoas na balôfa TV? Não entro em grandes parangonas explicativas, filosóficas ou antropológicas, para explicar por que as relações sociais e humanas se degradaram, creio que é tudo resultado do vírus Covid. Sim, a explicação é médica, psiquiátrica, a transmissão de um vírus que é uma ideia. Resolvi então, continuar este livro, depois de dois meses e alguns dias sem escrever para este, embora tenha escrito bastante nos Cadernos, notas avulsas e pensamentos mais ou menos sentenciosos.

Passara maus dias, quase todo o dia fechado em casa, mas eu também tirara o meu gozo, o meu partido, bebendo cerveja e não deixando de comer bem, saindo de casa uma vez ou outra para ir beber um café ao aeroporto ou caminhar desde Dasdanha até Dormancé. Um poeta americana ganhara o Prémio Ignóbil, não a conhecia, quanto mais o queria fazer...

E bem, os tempos estavam críticos, as pessoas também, talvez devido ao Covid ou a coisas que os sociólogos e psicólogos sociais poderiam explicar e eu ainda pra mais aceitava algumas, especialmente as dos mais velhos ou as dos mais novos, embrulhava e continuava o caminho. Nunca fora primário, não seria ao fim de velho que o começaria a ser...LOL

No dia anterior ao meu regresso a Riachos, para descansar um dia ou dois, vindo de comboio, tinha tido um acesso respiratório, uma crise de falta de ar e, mesmo assim, não conseguia fumar, embora tivesse bebido quase nada. Na Rádio, falava-se da escassez de presença e eu pensava da presença de Deus na minha vida, ou na ausência e tinha até por reconhecer que era um menino maroto, que o tinha sido alguns anos, mas lá continuava, tentando aperfeiçoar-me sobre o perfeito que tinha sobre ou sub o meu Eu. Sim, resolvi continuar "Nebulosa" e quase fui abandonando a fiolosia, mas sabia que a antropologia e a filosofia sempre andariam sob a minha pela, era como ver e ter o sangue circular-me nas veias, ainda que o meu pai me tentasse humilhar, ainda que achasse, como outros, que eu era um drogado, ainda que tivesse falhado um emprego de professor de Filosofia de *motu proprio*..

Embora ainda pensasse na América e em Nova Iorque, particularmente, sentia que tinha menos forças para lá chegar e por lá ficar por umas semanas. Saciava a minha sede pelo espírito americano com filme como os de Jonh Statham ou combate de MMA. Não sabia porquê, mas ainda ouvia música clássica e até fundara mais um movimento intelectual, a filosofia forense. Ouvia mais insultos do meu pai, "drogado", "não tem habilidade para nada" e pensava no que o Victor havia passado. Não tinha ainda mulher, embora falasse com uma moça há algumas semanas pelo telefone.

Não sentia a escrita mais como uma voz individual de que o autor seria detentor autoritário, mas ele seria uma espécie de xamã, que traduzia para palavras, por palavras, não só o espírito do tempo, mas a voz dos tempos sociais. Quero com isto dizer que ele era ao mesmo tempo um antropólogo marxista e um frade, ou seja, ele procurava destrinçar o espírito colectivo, fazer pela criação o que muitos fariam, em reuniões de grupo na academia ou similares, em favor do colectivo. De alguma maneira, o escrito estaria ao serviço, um serviço mais ou menos "público", de uma certa forma de tradução do inconsciente colectivo junguiano... Não, o antropólogo também tinha sentimentos. Mas, ao contrário de outros, que se refugiam em subterfúgios mentais e intrigas senti-mentais, ele procurava explicar e quando as coisas são explicadas, ajuda-me psicologia, tudo chega ao seu destino por um mais ou menos sinuoso e insidioso caminho na mente e no coração...

Sim, elas não queriam nada comigo e talvez, eu queria cada vez menos com elas, especialmente as mais belas. Mas já tinha muitos amigos no facebook, porque na vida real bastava-me o Manu, que conseguira passar duas semanas na terra sem ter ido (tão longe) a Angola, tal como eu conseguira ficar duas semanas em Moscat. Sim, estava mais velho. *Older*, como se diz em inglês...

Eu decidira desde então, ser feliz e estava conseguindo, sem grande esforço, não só porque antes fazia muita força para obter coisas e conseguir coisas consequentes à crítica, ao estudo, à leitura....mas porque me decidira a tal e me "emp(r)enhava" nesse "trabalho". E as coisas iam indo bem melhor para mim e para as pessoas em meu redor, caindo por esse a ideia mais ou menos "social-peregrina" de que seria um "eucalipto emocional"... Prometera a mim mesmo só descansar depois de morto, mas estava verdadeiramente cansado, não me dera ao luxo de me abaixar a um diretor de escola em Lisboa para que pudesse, meramente, tapar o buraco. Oferecera a minha tese a uma colega brasileira. Coisas feitas, coisas que se fazem, coisas pror fazer. Num desses fins de semana, a minha gente fora a Lisboa e lá deram uma volta, não foi só para fazer limpeza à casa. Mania da perseguição? Respondia com atos (prático) e não

meramente elocutóricos ao amadorismo da Rádio Comercial, não porque fosse ditador ou coisa parecida, mas porque sentia que havia gente que me perseguia e se queria atirar a mim como fera ferida...LOL...

Depois, enfim, os cães ladram e a caravana passa, pensei em traduzir alguma coisa para francês e mandar para lá uns artigos científicos, tinha oito completos e outros tantos alinhavados, mas não estava muito nessa onda. É claro que, num país pequeno e mesquinho como o nosso, onde tão facilmente se ri como chora, onde uns troçam dos outros e que mais fazem judiarias uns aos outros, nem sequer por razão alguma, ser-se original não é fácil, porque o coletivo reprime qualquer desvio e não falta quem faça criatividade à custa dos outros. É o que eu digo: não acreditam em Deus nem neles próprios, porque a verdadeira criatividade e originalidade não tropeça nem faz tropeçam ninguém. Havia superado a tentação de imitar o meu pai e depois disso estava eu mesmo, só e encantado, genial e vulnerável, muito melhor do que todos e qualquer um, nada pior e franciscana e genialmente igual a todos os outros. Onde estavam então os personagens? Andei dias tentando desenrolar o que estava enrolado. Um novelo com o qual o gato Simba brincava.

Consequira, não sem ardiloso esforço, chegar a re-negar a tese de Hegel da teoria do senhor-escravo. Teria ainda de ler alguma coisa de Direito e de Habermas para comprovar a minha tese, que era, a lógica do senhor-escravo tem implantação em qualquer sociedade mas é uma lógica contra-natura, pois o escravo espera ser liberto (tornar-se senhor) e o senhor tornar-se mais senhor, mais poderoso, pisando o escravo. Rosa Perez explicaria isto cabalmente como a suas tese sobre o sistema de castas na Índia. A minha teoria é que, socialmente, nem a ecologia fazia sentido, mas sim o franciscanismo, ou seja, nem sequer o comunismo (que retira a figura de Deus de cena), nem o comunitarismo (movimento académico de alguns marxistas ou ecologistas): a sociedade teria de caminha para a igualdade, o igualitarismo? Mas o que é ser-se igual ao outro, na verdade? Tal equilíbrio não se pode garantir durante muito tempo e quanto mais se força mais porcaria se faz...

Andei uns dias com a mente suspensa em certos e determinados pensamentos, uns mais vulgares do que outros e finalmente tome a conclusão de regressar à minha actividade especulativa, dada a pobreza das relações sociais que entrevinha com as pessoas tanto de Riachos quanto de Lisboa. Andava a maior parte do tempo falando com gente burra, que nada dizia do que eu era, e que nada a mim me dizia e fora gozado no café Central durante várias semanas, meses, e contrinuei, pouco ligando ao assunto. Até um dia em que já não achei mais graça nenhuma. Podia denunciar o café a uma qualquer autoridade, mas não o faria. Podia deixar de lá entrar. Foi isso que fiz. Decidi nunca, sob condição alguma, lá voltar a entrar. Até Manuel se mostrava distante, mal-educado, até. Queria que lhe pagasse o tempo que estive no seu apartamento em Lisboa. Eu, afinal de contas, não era nenhum *looser*, antes pelo contrário, tinha feito de tudo e tudo heroicamente. Era uma sorte ainda estar vivo e atuante, pronto para mais partidas.

Estava, decerto, com a morte na alma, tal como Sartre estivera, mas estava vivo e vivente, muito mais do que outros e pronto para novos desafios. Sim, deixaria de ir ao café Central, como alguns já haviam feito, deixava de investir em relações, mais ou menos esporádicas, casuais, pontuais, que nada interessavam e das quais não retirava qualquer satisfação, antes zanga e aborrecimento...

13.

A manina Brígida não se porta bem, talvez precise de umas palmadas no rabo. Com ela a horde indiferenciada que goza com Estêvão no café, a pretexto de ele ser, desde há muito tempo, o melhor da terra. LOL.

Ao mesmo tempo, pensava em avançar mais e mais nas minhas investigações filológicas, Freu havia ficado para trás mesmo quando tinha grande prestígio social numa determinada localidade onde não havia grande competição e lembrava-me do vizinho a conferenciar com amigos quando eu levantava dinheiro no Multibanco e a sonegarem "ele é gay" e, logo em seguida, "não, é bicha". O meu estado de saúde a ânimo crescia a olhos vistos, à vista dos meus próprios olhos. E o facto de estar e permanecer desconhecido do grande público não me envergonhava, antes pelo contrário, envergonhava aqueles que não me conheciam, pois eu continuava vivo e actuante deste (meu) lado...

Entra mais uma semana. Os tempos confundem-se. O meu espírito confunde-se. Pela manhã, a mesma odisseia até ficar bem disposto. Ninguém parece interessar-se por mim. Eu não peço mais, mais do que aquilo que posso ter. Por isso vou andando, desenvolvendo o meu espírito entre as folhas ao vento, à mistura com alguma chuva, embora o passarinhos estejam calados. O meu pai nada diz, é como se eu e ele não existíssemos. A minha mãe faz resinga por causa das cervejas que bebi à socapa. Depois, percebi que havia gente a gozar comigo. Ou era apenas a cidade. Devido ao COVID; pouco saía de casa, duas ou três vezes para comprar comida ou alguma cerveja. Não podia pagar o dinheiro de emolumentos e nem tinha a garantia de que a tese seria aprovada. Ainda pedia dinheiro ao meu irmão e minha irmã, uma assistente social e o gestor de quem muito se havia pedido, demasiado, e que haviam dado demais, demasiado. E eu tenho consciência que eu também...o peso era enorme e duvido que Danny tivesse suportado coisa parecida. Só por escrever, bullying e bocas de todo o lado, vozes, negativismo por todo o lado, gajos que não têm estrambelhos na vida e mulheres inconsoladas porque se calhar são fracas e não têm instrução e as intelectuais, eles e elas, bastante celebrativos, sem qualidade e capacidade, aptos a

mudar de assunto a qualquer ameaça e direccionar seus excrementos mentais com bocas para um ou outro, uma ou outra... Estava cansado e na cidade despida para os outros. Sentia que ia acontecer qualquer coisa de bastante positivo, talvez tivesse já acontecido, apesar do eminente estado de contingência, que obrigaria as pessoas a voltar ficarem fechadas em suas casas, apenas saindo para comprar comida, aproveitando os artistas para criar mais e mais, quando alguns, em termos de serviços mínimos, teriam de trabalhar mais e mais... Por mim, saía dos pensamentos e da teoria demasiado pesados, mas não procurava nada que fosse muito leve, pois o homem nem sempre sonha levantando o arado da terra... Perante a in-variância do mundo, que eu gostaria de considerar de louco ante a minha experiência psiquiátrica, prefiri o Felizes, porque, afinal, a sinceridade neste mundo não trazia negócios e eu ainda não havia ganho nada, nem grau nem docência em lado algum. Optei por considerar em branco a acumulação de pensamentos ao longo dos meses em que não havia escrito e...que tinha eu senão o que havia herdado de meus pais? Podia dormir em sossego...LOL...

Gosto demasiado de viver para desistir de alguma coisa.

Fiz algumas coisas que me deram água pela barba, mas o prazer ninguém mo tira. Algumas coisas e continuo pensando em fazer mais, embora com noites mal dormidas, que se compensam com outras em que recupero a razão. Voltei a escrever e nessa medida aqui estou diante do écran. As minhas preocupações são as de um qualquer antropólogo que gosta de filosofia. A solidão e, por vezes a fome, encontram-se comigo, mas persisto e procuro descansar ouvindo um pouquinho de Haydn e mudar de actividade, como diria o compositor Carlos Silva.

Tenho a impressão de que tenho de forçar, mais do que "inspirar" para prosseguir este meu escrito e embora tenha muita coisa para dizer, tendo estado parado desde há dois meses, sem inspiração, digamos assim, os personagens tardam em tomar forma na minha cabeça, enquanto tenho escrito mais filosofia do que em outros tempos e tendo iniciado um novo artigo científico há alguns dias. Sim, o COVID-19 faz das suas, alterando o pragma e o sentido das relações sociais, bom assunto para sociólogos e

antropólogos, desde já...Haverá, a meu ver, mesmo, um clash nas relações sociais devido a esta pandemia, uma falência de velhos modelos e ericção de novos, novas formas de sociabilidade, digamos.

Eu ainda sabia o que era um bom livro, uma boa novela, uma boa tese de Filosofia. Por isso. Perseguiu qualquer coisa que estava ao virar da esquina, bem próximo de mim, coisa que não sabia o que era. A Filosofia exigia bastante de mim em termos de saúde, estando só afetivamente era pior. Ou não. Talvez tivesse feito algumas coisas, alguma escrita, algo interessantes e isso dava-me alento para não sacrificar a minha existência quotidiana e algum bem-estar, ou felicidade, a um argumento para impressionar. Os personagens haviam regressado, Mano, a minha mãe e o resto dos meus, um antigo amigo, Ruma e as mulheres e amigos do facebook. Estava fodido da cabeça nesse dia. Posso dizer isto e permanecer antropólogo, escritor e filósofo? Naquele dia, havia comido uma sandes e continuava fumando um maço, como sempre e havia bebido uma imperial. Procurava deduzir muita coisa, o tratamento da família, a solidariedade cidadã, a amizade dos antigos amigos do ISCTE, da NOVA, da Católica, do Seminário. Onde estavam eles? Não me importava, apenas procurava ter, nessa noite, dez euros para comprar alguns cigarros avulso nos monhés, uma cerveja, alguma comida. E ainda tinha de pagar uma pequena dívida ao restaurante chinês onde enchera o bandulho no dia anterior.

Eu, que passava dois anos no seminário católico e um num convento franciscano, estava de novo feito um monge, desta vez na cidade e dei por mim numa resolução de não dar a sério nessas coisas do amor, muito complicadas para mim e sobre as quais pouco tivera aprendizagem em nome. E quanto aos personagens? Mano passava tardes a ver ciclismo na TV, ele que havia corrido com o pretensioso Marco Chagas, que só percebia de ciclismo. Depois, estava com saudades de voltar aos tempos da corrida. Eu, eu e mais eu, esse Eu teórico expandia-se num universo que não seria apenas inventado. Discutia com o meu irmão, que levava as coisas mais a sério do que eu e que nunca tinha estado deitado em cama de hospital da cabeça. A minha irmã, sempre ela, ainda que com bom feitio, mais bom coração do que eu mesmo. Ajudava-me sempre que podia. E eu, ainda em Lisboa, tardava em ter um rendimento próprio,

não tinha o meu grupo e as dores de cabeça acumulavam-se, enquanto a audiência pública da minha tese tardava, mas eu sentia estar cada vez mais preparado. Terminara um manuscrito, "Ideações Soli-Lógicas"...

Nessa noite, a tensão acumulou-se sobre a minha solidão. Ou então não percebia que estava acompanhado. Devia ser muito burro. Ou então, simplesmente, não queria saber. Senti o sangue libertar-se dentro do meu crânio, tentei furar os ouvidos para evitar um derrame, mas não tive coragem. E depois, lembrei-me de que tinha feito a barba há horas e ter feito um pequeno corte nos lábios. Talvez tivesse resolvido o problema. O meu cérebro estava ensopado em sangue, sabia. Sentia, tal era a consciência de que ainda tinha do meu corpo. Andava de um lado para o outro, pensando, remoendo no que fazer. Esperava algumas hipóteses de emprego, mas não sabia se iria dar resultado. Precisava de descansar, mas sempre que dizia isso a mim mesmo, mais força ganhava para os meus afazeres. De modo que resolvi tentar dormir...

As ideias dissolviam-se, a dor e o sangue voltaram ao normal, enquanto vendo Jack Malik cantando canções dos Beatles na TV, percebi que me deixaria estar mais um par de anos por cá, nesta cidade do rio mais bonito da Península Ibérica e talvez, talvez um dia fosse aos EUA, nem que fosse para apresentar um bom livro meu, este não seria porque as personagens não se entrelaçam e os grandes escritores não são devidamente grandes antropólogos (filósofos é mais certo admitir) e os grandes antropólogos apenas trabalham a ficção em termos metodológicos, científicos...

O território da emoção era contemporâneo e provavelmente o ponto de cunhagem e ligação entre a ficção e a não-ficção. A antropologia vivia de personagens, de instituições, de soluções culturais enquanto a literatura vive, a meu ver, da emoção que conserva e conversa o instinto de sobrevivência da espécie, enquanto Darwin marcava um golo ao Belenenses. Se a filosofia, mesmo a de Henry-Lévi, fugia para cima, a minha procurava ter uma ambição cósmica, tão grande quanto o forro dos dois casacos de fatos que vestia, para uma ocasião ou outra. Enquanto isso, a brejeirice de que o meu ex-amigo (porque decidido) falava revigorava um pouco o meu perturbado espírito, entranhado e ocupado por corpo, penetrações, secreções quase inabitáveis...

Bebia café em demasia e fumava quase sempre a mesma conta, era como que um

atleta da escrita, se me é permitida a expressão e, finalmente (somando pontos), tinha ido à Faculdade e organizava uma cinquentena de livros para oferecer à biblioteca, como que oferecendo a jovens e menos jovens, caso fosse o caso, a possibilidade e porque não a alegria intelectual, de seguirem algumas ideias absorvidas por mim. Em meio, alguns livros de minha autoria. Sim, eu não trabalhava num café ou numa escola, trabalhava nas obras, não aquelas de antanho, mas estas que me faziam viver e sentir, pré-sentir, que alimentar um certo pensamento ao longo de dias e dias, sem massacrar demasiado a mente, pode ser das mais belas aventuras que se podem viver, sobretudo se se partilharem com alguém (não muita gente, para a ideia não se disseminar demasiado). Foi assim que inventei Custódio, dois anos mais velho do que eu, ali no Campo Grande, ao lado da Igreja dos Franciscanos. O tipo foi atrevido comigo e entrou a matar enquanto já estávamos em avançado estado de troca de ideias: "Mas foste tu que inventaste isso ou falaste com alguém? É que a filosofia inventa, na gangrena do sujeito de mente a arder, sem razão ou fito aparente, enquanto a tua antropologia vai pedir satisfações ao Outro"... Bom argumento....qual das duas estaria certo não sei bem, mas eu preferia fazer perguntas...a mim mesmo, pois os meus dois hemisférios seriam como duas pessoas que vão falando entre si, não tipo marido e mulher, ou mesmo pessoas do mesmo sexo, mas fazendo trabalhar uma parte que fala lado a lado com outra que pergunta. A filosofia vive disso, da interrogação, num mundo de porquês, ou seja, explicava também ela a razão da confusão e das incoerências de outras ciências, como se ela fosse a empregada de limpeza onde se hospedam os licenciosos que pululam no inferno, como se tivessem algum tipo de recuperação, em nome da suposta brilhantina da razão humana, digo isto em termos de uma certa brejeirice que me vai ajudando a conduzir os dias com o carro que não-tenho. Finalmente, percebi que o meu sistema filosófico, se algum dia tive algum, estava quase "fechado", ou seja, completo, num sentido funcional e transmissível num ou noutro contexto mais do que liceal, certamente. Era esse o meu estado de espírito. Não tinha idade para ser um *wise guy*, talvez nunca o tivesse sido, mas ainda dava uns toques...LOL...

Cheguei a Riachos e logo me senti cansado e baralhado, embora lúcido. Tentava

evitar uma depressão que podia advir de uma euforia em que tudo estava para acontecer...

As virtualidades da vida trouxeram-me frutos, conheci uma americana trinta anos mais nova do que eu e, embora não soubesse como ir à América, cada vez mais pensando nisso...Comecei a traduzir *Caderno de Encargos* para inglês. Sim, queria ir e talvez fosse um dia, não estava obcecado com isso. Nesse fim semana embarquei de comboio para Pombais, onde tinha de mudar para Riachos. Estava cansado mas a minha persistência e empenho faziam com que a vida fosse sempre para a frente e sem voltas nenhuma. Encontrei no hãngar o cigano que me vendeu um Jean-Paul Gaultier e ainda conversámos sobre os costumes na estação do Oriente e a falta de mulheres tanto de mim como desde, que estávamos há mais de dez meses sem dar uma queca, tendo-nos de recorrer ao escape do *a la mano*...

Por umas horas pensei que Melanie já não me amava. Depois, comecei, quando me aproximei da fonte eletrónica das comunicações à distância, a receber mensagens dela em catadupa. A dizer que me amava, que queria estar comigo a li, em todo o lado. Era também uma coisa física. Senti um ligeiro entumescimento do meu membro...andava de um lado para o outro, tentando não fumar, estava emocionalmente melhor e senti que talvez pudesse ter encontrado a minha alma-gêmea. Encontrava-me. Surpreendentemente calmo. Como o mar de uma lagoa... Aprendi nesse dia que há solução para tudo, talvez até para a morte e se procurarmos bem dentro de nós com alguma paciência, podemos conseguir belas e agradáveis coisas e estados de felicidade e conforto espiritual e afetivo. Nesses dias, a minha disposição de espírito era ora eufórica ora depressiva e eu procurava-me sensatamente manter-me no meio termo, mesmo sabendo que algumas ideias depressivas era as melhores...

Pela primeira vez fui em anos a um cemitério e logo ao de Riachos, que achei espetacularmente bem limpo e organizado. Digno. Fui com Manu colocar flores na campa de seu pai. Trouxe-me até casa depois de termos almoçado, depois de termos ido a Maiorães calibrar a sua pequena carrinha Acer. Ainda vi Estnes no café, onde fomos beber um cheirinho no café, Regressei a casa e via o meu pai calado e, de resto, também eu andava cansado e nervos com essa coisa da discussão da tese e dos meus

livros, que não se publicavam senão pela internet...

Tinha um pai que não dava um chvo e em sabia se queria alguma coisa de mim. Sentava-se em frente da televisão e não dizia nada, ficava calado. EU, para mim, sempre tivera mais problemas do que eu. E eu aguentava-me, não respondia às ofensas. Algo parecido acontecera com dois dos meus melhores amigos, por isso até tinha sorte, sendo a situação de certo modo já familiar para mim. Aprendia a ser eu mesmo e ter auto-estima por mim. Não podia ser toda a gente, pensar com toda a gente e fazer o que toda a gente faz. Quezilenta e burocrática, era assim essencialmente como se prefigurava a sociedade portuguesa.

E, de repente, a América estava demasiado longe para mim, nos meus intentos. Eu estava em vias de finalmente ter uma vida com a minha vida. Uma vida digna. Além disso, percebi que os meus não gostavam verdadeiramente de mim: a minha mãe tratava-me mal a todo o momento, tal como a minha irmã, o meu irmão não queria saber e o meu pai estava em silêncio. Nem os pequenos queriam saber de mim, quanto mais os meus cunhados... Que fazer, já não tinha independência económica? Talvez eu mesmo, nesse sentido ou por causa disso, não gostava deles, porque era tratado como um cão, mas continuava a dar-lhes crédito, assim como certas pessoas da cidade de Lisboa.

A meio da tarde fui ter com Manu, mas ele não estava em casa. Deveria ter ido buscar alguns materiais para reparar o interior da casa. Este era o mundo em que viva: desilusões, euforia, culpa, amizade, sublimação. Queria procar que não precisava do meu pai, tão fechado e injusto que havia sido comigo. A americana estava para chegar a todo o momento e eu teso, em ambos os sentidos...

"O combate pacifica o intelecto" - diz um instrutor de MMA na tv...

Não precisava de um doutoramento para ver que certas pessoas que encontrara neste país estavam ainda em estado mental infantil. Depois, eu é que era bebé. A confusão da distinção entre teoria e prática. Não estava stressado nem muito ansioso, apenas queria viver e tirar partido de um velhice que se aproximara a passos largos. Os mais novos tinham a mania que eram mais do que os adultos, culpa de muitos professores burros e mal-formados, apenas burocratas de um saber que haviam absorvido sem grande contestações e agora despejavam na sala de aula. Não sabia se algum dia iria dar aulas mais, estava pouco dispostos a mais heroísmos. Tinha, aos 50 anos, topado tudo.

Bem gostaria de estar positivo, mas face a várias coisa apenas sentia mais e mais cansaço, mental e físico. Vamos a ver: o meu pai nada me dava a entender acerca de nada, muito menos a minha mãe e os meus irmãos, andava ali, em casa e até em Lisboa, como se fosse um palhaço, ninguém me abordava para nada. Não tinha notícias da faculdade e era preciso o universo girar no momento certo para que me aprovassem a

tese; eu tinha de contar que isso poderia nunca acontecer.

Não só dos meus, mas o mal de toda a humanidade era a ânsia de querer mostrar aos outros que eram capazes de alguma coisa, do que quer que fosse. Essa poderia ser a primeira lei da filosofia...

Nesse sentido, a vida não tinha sentido, era um jogo infundo de sedução, luta, jogo, depressão. Marcuse compreendeu isso bem. Não havia lugar para a bondade e até a religião exigia o dízimo. Olha lá, os cãesinhos têm carteira? A minha vida tinha valor, tal como a minha obra. Eu tinha a certeza íntima e social disso. Contudo, pouca gente me dava alento, até para a tese. E estamos em Portugal, onde há muito que fazer em vários sentidos. Interesses, compadrios até na vida académica, sobretudo na vida académica. A minha sobrinha tinha a mania que era boa, que só ela sabia as coisas, mesmo não sabendo escrever um texto nem articular uma complicada frase. Os outros eram assim também. Esta geração era assim, e quando pegasse na sociedade seria pior, até que viesse alguém que os entendesse, como eu, outros, os professores. A geração antes da minha era a da técnica tradicional, a minha era mista e a que havia de vir era prepotente e maniente, rendida a ideais lierais e americanos. Mas nem todos... Enquanto me esquecia das racionalistasnorte-europeias...E cansavam-me as emocionais e cinematográficas latino-americanas...

Tantas e tantas questões passavam pela minha cabeça, que era como uma barragem de sangue em que a comporta era a tese, a sociedade, sei lá, muita coisa. E tudo o que eu pensava, a minha pretensa teoria, estava talvez apenas num pequeno livro de Jan Baudrillard, "O Sistema dos Objectos"...Tudo saía mal, ou nem por isso, eu sempre fora racionalista, mas nesses dias antes do Natal de dois mil e vinte, estava deliberadamente abusando. Era ambicioso. Mas sabia que o que mais precisava era apenas, pasme-se, de uma queca...e, depois, ter alguém com quem partilhar a minha frutífera vida. Talvez, ainda, talvez, viesse a caminho um filho. Hellás. Ou não, nunca pensara demasiado nesse assunto...

Depois, fui descobrindo pelo meu exercício da mente, uma cura para a OCD, coisa que podia ser útil para outros portadores dessa neurose. Era uma questão de sangue, esperar um pouco que o sangue fluísse, embarcar por segundos numa suspensão algo cósmica e depois a vida, nos dias, voltava ao normal. Corrijo: muita gente, pelos sítios onde pasei e não só, quis-me lixar, digo talvez até exterminar, usando a minha família contra mim. Mas não conseguiram, não conseguirão. Sim, estava magoado com as pessoas de Riachos e Lisboa, de Pombais e Lérida. Mas não alimentava ódio nenhum, era sensato a grande demais para o fazer. Sempre fora, mais ou menos, bem tratado em Portugal. Era português e não o deixaria de ser. Gostava demasiado do meu país para o fazer. Nem que me oferecessem a cidadania americana ou coisa parecida, o faria. Tentara a espanhola e embatera contra a burocracia. No caso da francesa, a mesma coisa. Era, agora, velho demais para fazer qualquer mudança quanto à minha nacionalidade. E se não o fizerá até então, não mais o faria. Era esse o meu sentimento de então.

Pensava no mal que poderiam fazer. E no bem que pouca gente alguma dia me faria. E este mundo hipermoderno tinha os seus quês e porquês, em que a verdade era sinuosa, mais, insidiosa, para não dizer maléfica em relação a gente simples e de bom coração. O meu pensamento vinha de todo o lado e de lado nenhum. A tarde fora algo terrível, discuti com o meu pai, a minha mãe recriminou-me de certas coisas, telefonei ao meu irmão. Não deixava de pensar na minha miúda, a americana que me deu a volta à cabeça e que viria para estar comigo pessoalmente dentro de uns dias. Era noite cêda e Riachos estava mais animado, com mais vida. Por vezes sentia-me bem, por outras não. Mas, em termos de economia do desejo e do trabalho, eu estava somando pontos. Tinha de tomar em consideração de que devia fumar menos, beber menos...porque por vezes tinha grandes dores de cabeça e cansaço mental. Ainda que positivo e bem-disposto, a minha saúde mental não era a melhor...

O meu irmão dizia que eu tinha a junta da cabeça desconcertada e ouvira essa expressão perto de mim do scristão e quando descia a ladeira íngreme ao pé de casa, estava a junta da cabeça e eu fui lá pôr à porta uma junta de bois, para variar. Enquanto pensavam que eu estava maluco, dava grandes progressos em disciplinas várias das ciências sociais e da filosofia, no mínimo... Estava em constante estado de criação, por isso me era tão doloroso...

E, neste contexto, por mais que me esforçasse, não conseguia agradar à minha mãe e ao mesmo tempo ao meu pai, talvez fosse por um motivo psicanalítico ou qualquer coisa do género. Para ela, como para ele, não retirando os meus irmão, eu era uma nulidade, nem me havia licenciado (para além da vida religiosa) nem estava a concluir um doutoramento, ainda que aos cinquenta anos...

Estava cansado e ansioso. O que eu sentia era normal, mas não tinha ninguém a meu lado para mo dizer. Acordo cansado. Tenho receio que a mulher que aí vem na minha vida não me entenda, que me ache algum defeito. Estar com ela seria uma espécie de vingança para aqueles que me haviam feito mal. Nesse mês, por outro lado, o Covid-19 grassava pelo mundo e em Portugal decretara-se estado de emergência e,

além disso, quase uma semana éramos obrigado a permanecer no nosso concelho de residência. Acabei com a americana assim como comecei, tendo percebido que ela me queria extorquir dinheiro. Vim até à Casita e olhei a minha cama e vi os fofos lençóis azuis; enquanto não me fartasse de ser embrulhado por eles não voltaria a Lisboa. Voltara à normalidade de sempre: tentando pagar a tese, tentando arranjar trabalho, miúda, carro. Dava vontade de dizer : LOL!?

Afinal, talvez o sucesso não era coisa para mim, afinal eu era um franciscano, ou teria sido, não sei, um seminarista, para quem Deus é tudo, é os homens. Decidira ser há poucos meses e isso estava a acontecer, acontecia todos os dias. Sim, voltei à realidade das coisas e pessoas, das ideias, já não andava tão obcecado com as pessoas e das coisas, lá vá mais uma discussão com a minha irmão, que nunca se cala e a minha mãe ainda a desculpa. Por mim, já era tempo de fazer a discussão da tese, mas continuo, como se nada fosse. A pouco e pouco ia ficando mais sério e menos u falador, ainda que não fosse essa a minha natureza, mas a idade e as responsabilidades assim faziam com que fosse...

Assim, mais uma cagadinha, mesmo por cima do rebordo mijado datampa da sanita, que ainda tinha salpicos de merda da última vez que lá fora. Normalmente, após uma discussão, com o meu pai (solilóquios atrasados) e a minha mãe ou a minha irmã, ficava com inspiração para escrever. Mas também a tinha outros momentos de vão, noutros tempos em que a existência se suspendia como um par de suspensórios às calças antes de ir arrear a calça. Não, tão cedo não iria à América, pois aqui, pelo menos, era alguém e sabia quem era e, aliás, já tinha vindo de França e o lugar, Portugal, onde vivia, era o meu fim de corrida, a prova e espaço de todos os meus sentimentos e pensamentos. Zangara-me com Manu, mas era, bem como com os meus, zangas que duravam pouco. Era até saudáveis, até para renovar o meu estado vítreo das coisas, humores, sentimentos...

Se eu fosse a ver o mal neste país e nesta família, sobretudo, meu pai, que me fizeram, passava o resto da vida a tentar reparar-me, mas eu esquecia e seguia o caminho, vendo o Bem não me fizeram e indo assim por ele, pelo Bem. Era fácil adotar uma ou outra via e eu nem sabia o que aconteceria mais tarde adiante, embora se trabalhasse bem a mente, não seria difícil fazê-lo, quando que me desse bastante dor de cabeça. Além do mais, a antropologia actua sobretudo sobre o passado, ou um presente-passado e a mim interessava-me mais o futuro; o meu futuro. Eu mesmo, ora pensava Bem, ora Mal. Muitos pensariam que eu estava louco, sobretudo os meus. Mas evitava anda calado. Até porque gostava das pessoas. Eu estava, aliásm chegando a qualquer coisa de absurdamente histórico e inaudito: conseguir ler o pensamento das pessoas em termos de consciência coletiva e grupos sociais. Coisas que diziam e que sem sempre diziam acerca de mim. O meu cérebro tornava-se social, podendo assim ser moderado em tudo, sem sofrer grande tombos amorosos, sem recorrer a drogas ou outro, sem fazer grandes exercícios e sacudindo a cabeça o esfregando a cabeça na razão metafísica das coisas, que me vinham, como as ideias, facil e naturalmente à mente, de que eu cuidada cada vez mais e mais. A generalidade das pessoas gostam de dinheiro, pelo que ele faz e problemas que resolve, sobretudo hje em dia, nestes tempos de COVID. Mas o que realmente atrai as pessoas não é o dinheiro, mas os modos de como o conseguir. Esse é o facto verdadeiramente antropológico que muitos teóricos ainda não conseguiram compreender...

"IT REALLY REALLY REALLY COULD HAPPEN" – Eis a canção dos The Verve, que passava quando tomei o pulso de novo, de Margueret. Ela estava preocupada com o dinheiro, mas já conseguira maisdo que seria preciso para "cá" chegar... Eu estive ansioso por ela, passei males da cabeça e do corpo e, agora, num volte-face de algumas horas, de novo a esperança de ela chegar. Porque pensei que ela me queria, simplesmente, extorquir dinheiro. Mas não parecia ser o caso. Até vir a ser, provavelmente, algo de mais complicado. Ou não, ou seria o que de melhor que acontecera em toda a minha vida... Os tempos que vivíamos era simultaneamente trágicos e formidáveis, incríveis, como um parto, uma doença de crescimento, tempos

em que inscrevia esta minha obra e o primeiro-ministro falou inclusivamente em "direito a estudar". Boa!

Finalmente, percebera o quanto estava perto de pagar a minha tese, ao perceber que Marguie poderia apenas precisar de cem ou duzentos euros para chegar a Lisboa... Mas eu não me iria endividar para pagar uma tese em Filosofia nem me comprometer com uma mulher que só quisesse de mim o dinheiro. Eu acreditava ainda no amor e amava Marguerite, por mais complicado e difícil de aceitar isso fosse, realizar isso fosse, naqueles tempos...

Desta maneira, dizendo-o como povo o diz, eu "escostara o cú às calças"...

Uma obra pode mover-se única e exclusivamente por factos, sejam eles históricos ou etnográficos. Os meus livros referem-se a ambas as coisas. Podem mover-se por hipóteses, mais ou menos filosóficas. Um livro de filosofia, pura, ignora o tempo e o espaço, se for de boa filosofia, ignora os nomes. Por isso nunca serei um Hegel, um Heidegger. Mas sou como que um Bateson, um Griaule, um Valverde, um Vansina. A filosofia ignora a inscrição no tempo e no espaço do homem, pelo menos a clássica, se não a virmos e lermos pelo rebordo do corpo do texto. Ela, afinal, não é o código da Vida que buscara desde muito jovem, mesmo não sabendo o que fazia, o que procurava. É um misto de antropologia social e filosofia o Código, pelo menos no que diz respeito à vida humana, sua razão, sua inteligência...

Sem grandes gabarolices. Eu estava no filme de Hal Hartley desde há vinte anos. E, mesmo assim, não me podia queixar, talvez tivesse garantido alguma forma de eternidade ou uma civil vida bem vivida aqui na eterna-cidade deste mundo. Quanto ao código, ainda teria de estudar Química e Biologia, para não falar das já citadas Etologia e Sociobiologia. Sim, eu via no discurso e comportamento dos humanos, leis e mais leis, gerava duas ou três por dia e até tremia ao fazê-lo, tinha medo de mim, quando devêsse dar alguma razão à Psicologia e Psiquiatria.

A minha mente vivia numa certa forma diferente do Tempo, num outro Tempo, que não me permitia reagir a certas críticas bastantes cruéis, vindas de várias facções, mas habituara-me a ouvi-las e as reflectir para os seus mensageiros ou autores. Sim, estava num tempo, num hiato do tempo, que me permitia de certo modo controlá-lo, sem

sequer me atirar a ele, render-me a ele, ou estar antes dele mesmo...Nesse hiato, até podia condicionar a vida de algumas pessoas e até do inconsciente social geral, e isso metia-me medo, assustava-me, mas eu aprendi a usá-lo, fosse xamã (bruxo) fosse médium, da melhor maneira, ainda que a tarefa fosse bastante desgastante... E procurava não ser vingativo...mas tinha de ganhar a vida e estava ansioso por confrontar certas pessoas...

Foi nesse momento que me comecei a aperceber de certas merdas que fui fazendo na vida. Desfazendo certas coisas minhas e culpando os meus, os quais não mereciam que lhes enchesse a cabeça, sobretudo a minha mãe, a minha frágil e velhota mãe, que tanto me ajudara. A minhas irmã também. Mas eu não iria ficar por ali. Dar-lhes-ia motivos para se sentirem bem ao falar de mim, comigo, ao falarem de mim e de quem eu amava...Infelizmente, como estava já quase velho, a escrita era já só a única forma de expressão de mim mesmo, de libertação, de liberdade, já que o corpo e sua sintonia com a mente, já falhavam, precisando eu de um copito ou outro. E escreveria talvez, ainda, quem sabe, mais um par de obras egoístas e quase sem personagens como esta. Do outro lado do mundo, andava algures uma miúda louca por mim, louca por se encontrar desde lado do mundo e do Atlântico, louca por arranjar dinheiro para um vôo até chegar a mim, mesmo não sabendo bem o que a esperava, tal como eu...apenas o amor nos movia, não sabia bem explicar porquê e ficava assim, tolo, feliz e contente por aqui estar acontecendo...

Seja como for, uma coisa é certa e mais do que batida: os homens bonitos sofrem mais, como de uma ausência de matreirice que o feião têm...

Sim, vivia tempos de uma certa felicidade, mas longe de ter chegado onde ainda queria chegar e sabia que, para fazer o que queria fazer, não iria contar com grandes ajudas. Ou então, talvez sim, talvez tivesse chegado a um ponto em que estava acima de tudo isso e até de eu mesmo. Ainda não vos falei do nosso novo gatinho, o Simba. Bonito e fofo, dono de intelegência e sensibilidade maior do que a de muito humanos, erra pelos espaços da casa e resolve embrulhar-se como sardinha de rabo na boca onde menos se espera, gostando muito da nossa presença humana...

Aliás, poderia dizer, para fazer o caminho de Riachos_Lisboa todas as semanas é preciso uma boa dose de imaginação e descartação do sofrimento e de muitas bocas... Mas pronto, tudo se vai aceitando em nome de uma pós-antropologia...

Eles eram assim, mas torciam por mim. A americana voltara a falar, num volte-face e eu suspeitava que ela me queria bem e isso fazia-me sentir bem. O comboio do fim da tarde passava. Estavam os cidadãos impedidos de se deslocar entre concelho, a não

ser em caso justificado e grave. Eu ia ficando eu Riachos e talvez só fosse dali a dois dias desse Domingo de Todos os Santos. O real escapava-me mas eu agarrava-o a todo o momento. No fundo, apenas, no *turmoil* destes dias, procurássemos apenas legitimidade. Legitimidade para o nosso Ego, para os nossos actos, ensaiando uma democracia justificativa que reitera pela acção de intermediação do sujeito para com o real uma forma de persistência e longevidade no tempo...

O mundo em meu redor é o inventário das palavras com que vou fazendo sentido no universo da língua portuguesa. E, no cúmulo da dor, é o princípio, não o fim, de qualquer coisa bonito. Ainda, a meio deste livro, pensei em escrever algo intitulado mais ou menos assim, "OCD-Uma Interpretação Filosófica". Talvez não, talvez sim, talvez não. No final do dia triste tava cansado e baralhado, sem grande motivação nesse final de tarde de Dia de Todos os Santos...

Chegava ao fim do dia triste e cansado. Ainda queria que arranjasse emprego...E Artemisa queria vir ter comigo, não sabendo eu que ela estava no café e nesse dia levou-me mais dez cêntimos pela imperial, coisa pouca, não o estimem não. O caos deste país esperava-nos, a fome. Não bastava ter dinheiro, mas muito fariam dinheiro com um novo COVID...

Fiz umas festas ao Dicky, como sempre desde que vinha de Lisboa, para o acalmar, como se fosse, ele, um detective que precisa de acasalar, mas o meu pai não se importava com isso, aliás, ao fim de tantos anos, não sabia ao certo com o que é que ele se importava, sempre fechado, falando apenas quando menos se esperava. A maior parte das pessoas já eram más, agora com o vírus ficavam deprimidas e desenvolviam patologias psiquiátricas mais ou menos graves. Por isso o clima se estava tornando insuportável. E tudo por culpa do governo, que governava à toa, à vista. Por isso, ora andava desalentado ora esperançoso. O Tempo é como uma barco, se não embarcas nele, fica para sempre no lugar e no tempo onde estás...

Sim, vivia dos achaques da mente, pior do que as enxaquecas daminha irã. Ganhara vontade e fé para ir de novo à Missa, em Moscat ou Riachos, por isso peguei nos livros religiosos que havia comprado no tempo do seminário e coloquei-os de lado para levar para Lisboa. A religião era o meu novo caminho, talvez voltasse a estudar de novo Teologia, uma bolha de boa-disposição e salvação para dores da mente... E, a partir de lá longe, aconteceu: ela queria muito mais comigo do que um mero flyst, queria casar e ficar comigo para sempre, muito mais do que eu sonhava alguma vez ter. E, depois de alguns anos de licenciosidade da minha parte, estaria à altura?

Na verdade, os Missais e Liturgias das Horas nunca haviam grandemente usados por mim, mesmo no tempo do seminário e do postulante em Bracara, pois as minhas versões eram diferentes. Sim, porque não pensei antes, avaliava eu, a Teologia era bem melhor que uma terapia sem fim (à vista e ao sabor), mesmo que fosse de novo objeto de gozo de alguns... Não, eu não era (mais) um Nostradamus, um Bruno, um homem amaldiçoado por saber e sabendo que o saber era, de certo modo, do âmbito do profano. A meu encontro, vinha um novo tipo de saber, aquele que Jesus Cristo constituía e que estava ao alcance de qualquer outro, sendo ou não filósofo ou cientista social. Se eu tinha chegado longe com as minhas teorias em Filosofia fora devido a uma certa dupla personalidade, a um pensamento a duas vozes; uma era minha, outra de Deus. E a d'Ele nunca havia sufocado a minha... Até que encontrei, remexendo nos livros, aquele que me iria acompanhar durante mais alguns dias e que já conhecera de outros ajuntamentos comigo mesmo: "Surfacing", de Margaret Atwood. Irónico... na rádio passava "Pulse", dos Pink Floyd, de quem muito gostava o ido Victor, o Domingo de "Curvas Apertadas". Eu sempre gostara mais de Alan Parson's Project, não sei porquê, isto é, porque não gostava, na altura dos anos noventa do século anterior, de Pink Floyd. Talvez fosse apenas para contrariar, a fim de gerar um espírito de contradição que permitisse afirmar a minha viralidade. Agora, só precisava de pensar na Melly...

Alberto Moravia e Giovanni Papini era agora também autores que me aprazia ler, conhecer mais a fundo e creio muita gente deveria conhecer...

Talvez não tivesse feito (ainda ou nunca) filosofia, talvez tivesse apenas feito antropologia reflexiva. E isso não me deixava menos contente comigo mesmo. A minha preocupação nesses dias da COVID era o dinheiro. Se Melly viesse, se casasse e vivesse com ela. Claro que nunca lhe poderia pedir dinheiro, não fazia parte da minha natureza. Mas, para além da pensão, não tinha dinheiro para o dia-dia - a não ser que a minha irmã e o meu irmão continuassem a abonar-me. E se assim fosse, não poderiam saber de Melly. Haveria de conseguir. Até então, tudo bem, estava mais calmo e maduro. Mais prático, até, como sempre fora e que nunca dera a reconhecer.

Fim da história, novamente. Molly era prostituta, ainda que com pouco mais de trinta anos. Volto ao normal. Talvez conseguisse continuar a minha busca por Lisboa, não a mulher perfeita, mas a mulher perfeita e perfeita aos meus olhos. Ainda que só em Lisboa, tinha lá amigos e gente conhecida e no meu bairro era respeitado. Era pensar positivo. Que se danasse a América, poderia, se lá fosse, prender-me por um motivo inusitado e insuspeito e para lá ficaria a apodrecer numa prisão. Aqui há menos acção, mas sabes com o que podes contar. E a maior parte dos escritores e filósofos procura isso...

Faltava um mês para um ano desde que tivera a última relação (sexual) e namorada não tinha há quase dez anos. Nos últimos anos, tivera duas ou três relações, se exceptuar Bety e Raisal, com quem estive uns dias. Queria algo mais profundo, uma relação que não fosse menos de dez meses, como havia sido com Lily. Melli queria uma segurança em dinheiro para poder vir para a Europa. O mecanismo era o mesmo de certos bancários, de certos prestadores de serviços mais ou menos ilegais de telecomunicações. Estavam todos no mesmo saco. Tudo queria dinheiro e quem estava aflito, fosse por afecto, fosse por tv e net, fosse por dinheiro, arriscava-se a perder o dinheiro dessa tal taxa e não ver mais nenhum nem nenhuma pessoa.

Ainda assim, só tinha quem me chateasse, a minha irmã, o meu cunhado, a minha mãe e o velho que, quando eu estava vendo televisão mandara um pum, pelo que vi que para ele eu nada importava. Deveria ter-me apercebido mais cedo em vez de estar por Riachos como uma espécie de mordomo do senhor, humilhando-me para dar um aspecto de normalidade de mim quanto a ele, como queria a minha mãe. Acho mesmo que a minha mãe queria que eu me humilhasse eternamente a ele como que para o sublimar ou coisa assim... Sofria, eu sofria a bom sofrer e estava desejoso para ir até Lisboa. Depois, comecei a cogitar uma forma de furar o estado de confinamento que se aproximando, não sei por quanto tempo...

Nesta vida, quando não és Tu Mesmo, surgem muitos problemas e daí derivados achaques diversos. Nunca como hoje as pessoas se relacionam mais, virtualmente ou face a face. E nunca tempo algum gerou tantas depressões (pessoas infelizes) e mortes por crime e assassinatos, violação, contusões de todo o género e doenças diversas de índole diversa, entre as quais as psiquiátricas. As sociedades perderam o equilíbrio, o sentido do senso-comum e da confiança (mais, fé) nelas mesmas. Ainda assim, as ciências sociais e a filosofia restringem-se à academia. Mau exemplo dão os académicos e os filósofos em particular, passando a ideia de que se pode pensar tudo, porque há explicação para tudo, numa palavra. Daí a justificar comportamentos criminosos em mentes débeis, vai um passo...

Sim, de quando em vez passava uns tempos sem fumar, mas lá voltava, um maço por

dia era a minha conta junto da Fundação Ergonómica dos Pulmões. Sofria como um cão por estar só, mas talvez, merecendo ou não, fazia sentido, pois tinha fama de putanheiro e isso não era fácil para se conseguir conhecer alguém de um dia para o outro. O que não sofri antes, sofro-o agora e com tal e tal proveito e conhecimento, ainda que com dinheiro à mistura. Ainda assim, a minha obra crescia a olhos vistos, depois de mais de dois meses de inactividade e eu estava de novo (bastante) ocupado e entretido, feliz, até. Só que a felicidade e a melancolia não duram para sempre e eu conseguia fazer, ao contrário de Kierkegaard, filosofia na melancolia...

Estava deseioso de voltar para Lisboa, Painós, ex-amigo, havia de novo dado sinal de vida, enquanto a pequenita aprendia o inglês. Esse dia era calmo, marmoroso, no início de uma semana onde iria ainda chover bastante, enquanto pouco frio fizesse durante o dia de sol...

Tirei umas notas à mão, nada de especial. Concentrei-me essencialmente na justificação, que é dos *trends* mais frequentes do OCD, especular, deduzir, justificar. A mente incha, incha, até se tornar uma balão que quase rebenta. Na minha chegada a Lisboa acabei por me sentir mal e cansado, acabei por dormir mais cedo, enquanto no dia seguinte senti a mesma coisa, que se desvaneceu ao longo do dia e a meio da tarde estava razoavelmente bem. Geralmente, gosto mais de falar das minhas conquistas do que do modo como lá cheguei e estava de novo cansado, baralhado, como se por mais que fizesse nada resultada. De modo que deixei andar e comecei a aprender a não me importar tanto com as coisas... Sim, talvez o meu problema não fosse o álcool, o tabaco, os medicamentos; talvez o meu problema fosse apenas falta de afecto e do afecto devido à minha pessoa, não necessariamente sexo, porque quanto a este, que sempre ajudava, era raro. Quem pode andar bem, com a minha idade e a minha actividade intelectual, andar bem com duas ou três relações por ano, isto vai para dez anos? Já para não falar estes últimos dez meses, com ninguém...Que pode? Sentia-me só, nesta cidade e na aldeia de Riachos o meu pai não me ajudava em nada, nada dizia, como sempre aliás. A minha mãe discutir comigo todo o tempo e a minha irmã era todo o tempo inconveniente, quando o meu irmão exigia mais e mais de mim no comportamento, talvez ser o que ele era, quando eu sempre fora diferente...

Fogem todos uns dos outros, aos encontrões, à procura do magma humano das relações, tropeçam uns nos outros para subir a hierarquia do *status*, quando a comunhão, o magma, estão na base, onde há mais gente, entre os humildes. Quando chegam lá acima, logo caem para a base aos trambolhões, sendo que as razões por que o fizeram tem a ver com fama, prestígio, sucesso. Foi isso que lixou a América, tornando-o num país apenas de direitos e absolutamente ingovernável, entupido com leis e regulamentações de todo o género. É a aldeia global? Talvez, mas eu prefiro manter a minha privacidade, que mantém uma dose de loucura livre porque não depende dos outros para se afirmar. Contudo, não sou nenhum eremita. Nem franciscano sou. Curioso, as pessoas só gostam de ti se podem ou não tirar algum partido. Gostaria de pensar o contrário. Só gostam de ti, se alguma maneira o teu discurso e/ou comportamento, for consentâneo com o delas. Aquele que se destaca

por pensar diferente, acaba por ficar sózinho. É o caso. Então, que democracia é esta? E julgo ser uma anarquia, mais ou menos ordenada. Pela frente juram-se fidelidades e por detrás apunhala-se a pessoa.

Dormi bem. Acordei bem. E comecei a fazer, naturalmente, certas coisas, au-delá das vozes do bairro, com ou sem a minha presença. Preparei novos objectivos e reforcei os antigos. A tese, a corrida, os EUA, a escrita. Tudo isso poderia resultar em amor, uma dama para mim e uma vida estável, finalmente. Ouvi Ten Sharp, "You" e deu-me vontade de correr, mas era Inverno e acabei por traçar uma pequena meta, ir quando tivesse comprado um leitor de MP3, mais um. Ora falava em personagens, ora em mim mesmo, numa registo mais ou menos biográfico e procurava no trabalho de escrita e reflexão os motivos para continuar, a fazer o que estava a fazer e a atingir as minhas metas. Andando de um lado para o outro, evitando acender mais um cigarro, dei comigo a pensar na brasileira com quem estivera uns dias, a que fora sempre mulher e o modo como ela encavou o meu pau no ventre, entre os quadris, no amplexo ansioso, pois estava desguarnecido e moribundo, mas altamente duro e ela logo dele se aproveitou, a danada. Arrumei os dois sacos de livros que tinha posto de lado para oferecer à Biblioteca dos Sons e das Letras. Pronto, estava arrumado, além de mim, esse meu gesto gratuito muitos dissabores me poderia trazer, de um lado e do outro. Voltei a telefonar a Panzer, um amigo de longa data com quem já não falava. Fiz, fiz, fiz. Pensei, pensei, pensei. Projetei. Andava às voltas da minha vida, tão obcecado comigo mesmo que não conseguia o grau de distanciamento do Ego, de alienação, para fazer uma ou outra coisa que queria.

Tentava todas as possibilidades e mais algumas que me poderiam levar à audição pública da minha tese e preparava-me física e mentalmente para isso, pois o grosso do trabalho estava feito. Sim, saí desse registo lamentativo e procurava gerar coisas positivas, quer ligando à minha mãe e irmã, quer desenhando ideias no meu espaço de como fazer as coisas, muitas coisas, e desenvolver, articular e resolver questões, umas eminentemente práticas, outras puramente teóricas.

A minha realidade era um poliedro diante dos meus olhos, que eu girava, virar, desdobrava e articulava como se estivesse, ali mesmo diante de mim, a minha vida, em jogo ou em circunstância. Se não fosse o tabaco, teria mais ansiedade. Ou não? Teria-a menos reprimida pela nicotina. O que eu poderia ter feito e não fiz! Ainda assim,

ainda ia a tempo, ainda que estivesse só. Sonhei em dedicar-me à pintura, ao desenho e deixar a escrita. Nem sei se é isso que farei, mas estou tão viciado nas palavras, mais do que em outra coisa qualquer ou o tabaco, sendo que o tabaco até instensifica esse vício sufocante!...

É claro que eu ansiava por uma namorada, estar com uma mulher na cama, poder beijar-lhe as mamas e penetrá-la bem fundo. Todas essas coisas que nos permitem estar mais vivos, mais despertos do que adormecidos em torpor, ainda por cima em casa, devido a esta epidemia que tem ceifado muitas vidas. Um estudo sociológico a fazer seria, portanto, o modo como um factor de saúde (publica), um vírus, pôde afectar tão circunstancial e dramaticamente as relações sociais, as sociabilidades, ao ponto de transformar quase em definitivos os itens das relações sociais...

E eis, enfim, mais um problema tremendamente filosófico, que passo a relatar. É Domingo, sinto uma tensão e noto que ela vem em parte da falta de satisfação sexual, pois há novo meses que não estou com uma mulher (nem homem, ainda hoje recebi uma proposta...fosgase!). Aproxima-se a data de recebimento da pensão, mas não queria ter uma relação ocasional sobre quem nada sei. Por outro lado, está difícil conhecer intimidade nesta cidade. Ainda pra mais com esta epidemia. Há vários anos que não beijo ninguém na boca e tenho tratado dela devidamente, com pastilhas de branqueamento, spray oral, líquido para a lavar. É tudo muito confuso. Acho que ficarei temporariamente melhor se estiver com alguém. Mas...uma prostituta...será que já penso nesses termos, que todas as mulheres são prostitutas? Aqui no bairro ninguém me fala, ninguém diz nada, não há grande solidariedade. E eu, só, cavo e vou cavando mais e mais fundo...Merda!

Tinha, desde há dois dias, deixado de beber e apostara na coca-cola para substituir o álcool. Mas não era fácil. A bebida era um refúgio por estar só, ou criar e precisamente por isso era um justificativo para tal. Outro dilema: manter a Benfica TV? Fazer-me sócio? Logo eu, porque me escolheram a mim, que tenho tão poucos rendimentos? Sim, fui comprar três garrafas daquela nova cerveja, Máxima Blaca, que me deu umn alento para continuar qualquer coisa na prosa e o tal bulício do pensamento, um burbirinho e chiadeira que se não ouve mas se sente no cérebro e dentro da qual circuram palavras e conceitos que se desfilam pelos dedos quando escrevemos...

Eu sabia que a vida era dura para muita gente, por vezes era preciso roubar para conseguir alguma coisa, eu próprio já o havia feito em certas e determinadas circunstâncias, não condeno nem me condeno a mim mesmo, passo adiante e percebo que, com a minha obra, podia ter já o pós doutoramento em Filosofia, pois então, mas queria fazer bem e fazer bem seria fazer uma coisa de cada vez. Então cheguei lá, pensando em Lilly: o que era preciso fazer para ganhar a vida, elidir a fronteira dos sentidos, entre a teoria e a prática...

Assim, para as putas, o olho roda para dentro, à volta de si mesmo, até se encontrar com o olho do cú...isto é uma forma de falar. De dizer que temos quatro olhos. Porque volto sempre às saias da mãe, mesmo depois de cair, de ter caído, uma e mais uma vez, porque sei que ela me ouve e repreende e ainda com a minha idade isso me faz bem, me faz sentir bem comigo próprio, porque como que reencontro um caminho de pureza que se dissolve na urbe, nas vozes e violências plurais da urbe desgarrada, entre a realidade social e o tratamento em psiquiatria. Fui duro, aguentei-me bem, por isso que venho falando de mim, mais do que dos outros, dos personagens, porque me estou motivando, porque...ao mesmo...este doutoramento seja conluído...aí me poderei agarrar a mais alguma coisa, ainda que este venha já amargado e agridoce, porque pressinto que com mais dinheiro teria feito melhor...E...estava finalmente apanhado. Onde isso me levava? Não podia andar para trás. Deixava-me levar, porque, ao menos, nada mudaria e o meu corpo ficava mais aliviado, já pra não falar da mente. Mal por mal, que venha o jornal... A prisão é a ilusão, cogeminei coisas metafísicas e continuo vivo, alguma coisa de mim ainda se mantém. Ligo à minha mãe. Dois casos de Covid na família, um deles mortal. A pequenita quase apanhou.

Nove meses...naqueles dias, quem anguentaria? Por isso o mundo estava de pernas para o ar, talvez a purgar-se de si mesmo e de seus pecados. Podia ter a minha chica dentro de dias, umas horas e isso me fazia bem. Mas eu não me sentia bem, porque sabia ter algo de romântico que estava atentando há muito tempo dentro de mim, no mais fundo de mim, sabia que era um tipo idealista e que a minha geração já se havia perdido há muito tempo e eu era o duro, o forte, o santo, via isso pelo aspecto vítreo dos seus olhos que não eram senão o reflexo de uma humanidade perdida, antes de mais pela regulamentação ética das vontades, parafraseando Vítor Coutinho, sim, o mundo estava perdido e a TV era apenas um arrotto disso mesmo...e tardio...

E, se para mim, essa namorada, candidata a viver comigo, porque havia muito espaço para ela, não aparecesse? Como ficaria a minha alma? Como ficaria eu ante a memória da minha mãe, tendo já tido a consciência de que, em certos momentos, havia falhado para com ela, de certo modo, se quiserem, psicanaliticamente, a havia traído? Mas eu não desejava a minha mãe, de modo alguma, pelo menos não mais. Nem pensava que ela era uma espécie de meretriz, aludindo a mitos bíblicos e outros, mais ou menos pagãos. Aliás, acho que quanto menos sexo fazia, melhor ela sentia, mais vida tinha dentro dela, porque (ela) era vida que tinha dentro de mim. Sim, se essa miúda não aparecesse, quer na Faculdade da Teoria, quer na rua, quer num workshop...eu estava-me sentindo fugir de mim mesmo, cada vez mais fraco, mas meu desejo era enorme, o desejo da carne (viva), do toque, da visão dos seios abanando às arremetidas do meu sexo no seu ventre... De modo que tomei, em nome de muita coisa positiva, antes de mais a saúde psíquica, uma decisão...Ironicamente, só és feliz quando és escrevo, porque sabes o que tens de fazer, porque a liberdade faz galgar o teu desejo de realização para mais e mais acima de ti mesmo, das tuas possibilidades do sonhar e do cumprir e tornas-te um eterno insatisfeito, quando a cabaste a corrida queres recomeçar, sabendo que vais conquistar alguma coisa que não sabes bem o que és mas é sempre mais e mais e quando te tornas Rei do Mundo, encaras uma terrível solidão e quase morrers, a não ser que voltes para trás e recomeças tudo de novo, num ciclo do eterno retorno que também te faz escravo, desta feito do teu ego e a aguçada sensibilidade tua para com o mundo, que não te dá a autonomia da crítica e da ironia, que são coisas tão úteis quanto os prazeres da carne, do espírito e do gosto, bem como o desporto, tudo em doses epicureanas... Porque só conhecemos este mundo, agimos deterministicamente em conformidade com ele, ou connosco mesmo que somos dele parte integrante, ainda que existam algum de entre nós que conheçam o outro lado neste mundo, que não se enciixa assim tão facilmente nele. O maior segredo da humanidade, mistério é, na verdade, e esse será o maior problema filosófico, a relação (existente ou não) entre este mundo ou o morto, que muito filósofos denominam de problema da morte, da finitude (imortalidade), enquanto os

cristãos designam por vida no além, ou segunda vida. Essa relação, a haver, entre esses dois mundos, sobretudo porque tentamos furar para chegar ao outro lado sem sair daqui deste âmbito terráqueo, é, a meu ver, o grande problema da filosofia, que tem que ver como algumas áreas de outras disciplinas, como psiquiatria, parapsicologia e literatura. É o problema da morte, segundo os filósofos, a morte que atesta a finitude, que provocam o ater-se à vida neste mundo e ao prolongamento dela mesma por cosméticos, operações e outra parafernália, só para viver mais e mais. A meu ver, temos o destino traçado. Se alguém (do outro mundo, por exemplo), soubesse do nosso destino, dir-nos-ia qual seria e nossa mães sabem mais ou menos o mesmo que nós, mas vêm de fora e de dentro do instrumento da voz do sangue que ressoa em nós. Num extremo do nosso grupo ou lá longe, nos EUA ou na Samoa, sabem que nos acontece daqui a anos e, mais, nesses ou noutros lugares, há quem tenha exatamente o mesmo destino que nós...E esta hein?

Manu, passados dias, nada dissera. Devia estar ocupado com o seu mais recente rebento, do seu filho Moting. E eu, estava em casa, cumprindo as directivas de um governo que legislava por coisas que são da consciência das pessoas e isso fazia delas umas crianças, sim, o estereótipo do pai de família, que cumpre em termos militares, as suas responsabilidades, têm filhos, contribuem para a sociedade, enquanto que para alguns, nem Deus nem a sociedade, quando tudo é uma e a mesma coisa. O passarinho, exterior à minha mente, pelo menos aos sentidos contidos na minha cabeça, desafiava-me a fazer qualquer coisa, mais do que havia feito, quando o meu ser espiritual e de sobrevivência na grande cidade, me lavava a estar calmo e embarcar no tempo que passa, que passava e deixava-me alimentar pelo burburinho de uma mente cujo Ser não tem uma série de coisas, mas que tem outras mais, aliás, desígnio à parte, bastante mais valiosas, como a paz de espírito, o sentido do Ser-Eu-Mesmo, a esperança de lutar pela Individualidade que Sou, uma crença religiosa nas pessoas, um Deus que não me largou jamais, mesmo quando a minha voz embargada pelo álcool gemia e se calava por dentro da glote. Sim, ainda que farto deste sociedade, ainda que cansado, teria de me deslocar a um emprego que estava eminente, a luta pela aprovação da tese continuava e eu continuava a depender de outros, queria sair à rua com a minha mulher sem estar preocupado com a opinião dos outros, que concerteza seria mais feroz do que a que tinha sido até então...

Procurava fazer sentido. Mas o sentido estava atrás de mim, logo, virei-me e encontrei um mundo de inúmeras possibilidades e conquistas, virando-me para trás, virando-me de lado, virando-me de frente. Virando-me, exercer o corpo enquanto sentido da filosofia e a filosofia enquanto sentido de onde o corpo vinha e para onde teria de ir. Não havia mais nada e mais nada fazia corpo e sentido. Afinal, é esse o segredo dos americanos, da cultura americana, por muitos defeitos que tal acarrete: o que o corpo não sente, e nele estão os sentidos, não faz absolutamente sentido algum, enquanto os europeus são meras plantas...um pouco imitando os japoneses. Talvez sim, talvez não, talvez volte para trás, misturando ciência social (sêca") e literatura, não fazendo senão em potência uma e outra coisa isoladamente e não havendo até

mister de o fazer, de fazer essa mescla que distribuir aos outros como legumes salteados, ferido pelo ferro quente da queimadura advinda do gás que se patenteia e paga, paga-se para comer, pasme-se!... E, na maior parte dos casos, salvo inúmeras exceções, as pessoas tinham a TV ligada e nem à janela aparecia. O problema das redes sociais e do big-brother global fazia com que as pessoas precisassem de muita preparação para se apresentar. A sociedade era o seu Deus. Não eram capazes de ir a uma Igreja meditar, em silêncio, ainda que sós. Ninguém acreditava em nada de palpável, mas em coisas difusas, ainda que o Deus palpável tivesse já chegado, sim, Cristo havia visitado esta terra por mais do que uma ocasião. E o que mais me metia confusão era que nem à rua iam, onde desfilavam os enegúmenos pobres e abandonados por si, por Deus, pelos seus e pelos outros e se calhar eram esses que tinham razão, eram esses que eram Deus, muito mais do que um Cristo oportunista que já aparecera diversas vezes, em diversas ocasiões...

A minha irmã falava em utilidade, que eu nada fazia, que não tinha jeito para fazer nada, afirmações aliás, reiteradas pela minha mãe e, ainda pior, pelo meu pai. Só o meu irmão me compreendia, ainda assim achava que eu estava louco e que deveria ir para um hospital de maluco. Reatei um ou dois amigos, fazia a coisa por mim e se não tinha jeito para ganhar dinheiro e estar a todo o momento em cima do momento, fazia outras coisas, para mim bem mais meritórias, a ponto de estar quase conseguindo a interiormente propalada promessa de uma discussão pública de uma tese que permanecia viva sem que lhe tocasse, não tendo ainda sido revista em três anos, como se estivesse certo de que era certa. Estava nisto praticamente só, neste processo, quando outros tinham miminhos e palvadinhas nas costas...vá lá, escreve mais um pouco, só um pouquinho mais...tu consegues amiguinho, isto é uma quintinha e todos choram e no fim ficam todos muito reconfortados e contentes... Quando o texto pelo texto vale pouco, mais valerá os amiguinhos que conseguem amealhar, na tua rede sem a qual não sobrevives, as tuas dependências emocionais, o sexo mal-amanhado e sacana a triste cumplicidade que nunca compreenderás e ainda assim tens revolta, mesmo estando certo, porque passaste ao lado e passaram a teu lado e estás à frente, onde o vento è àrido e te corta a pele do rosto... De modo que fui começando a carregar um peso que apenas me estava às costas, bastava caminha, ouvir o mundo e não achar que o reflexo meu dele em mim fosse tudo o que esta vida, deste lado, tem para dar, ainda que tivesse umas certas noções que as mulheres bonitas não querem saber, ou seja, uma certa sabedoria que, sem dúvida, não é deste mundo. O mundo das mulheres bonitas e boas...

A meta estava próxima, aos cinquenta anos poderia finalmente dar uma alegria aos meus. E que alegria! Uma coisas, umas ideias, generosas e ao mesmo tempo criativas, satisfatórias e úteis até para a vida prática, para quem vivia do mundo do momento, sabendo ligar com uma deslocação do olhar que pensa para o domínio do Estar-Aqui-e-Agora...

As casas pareciam jazinhos com os lençóis de fora, arrebatadas de estertor por dentro, como aquele caixão que vira no gazinho em Arréda, com o lençol de fora...A filosofia estuda a vida, a verdade, não sei o quê, o nada, que se manifesta ou não, segundo deus ou os homens querem, embora aqueles que são deuses ou semi-deuses. Nessa perspectiva, sirei de casa, irei ao Aeroporto, farei uma pipa de coisas e quase roto defenderei o transe da cidade que me mantém aceso (não apenas o cigarro mas também o sexo), porque puxo sempre para a frente e sou de difícil alcançabilidade, em certo sentido, porque tenho elementos, isto em termos de sedução, de um ou outro mundo, dos vários que me habitam e dos consentâneos que já habitei e me libertei, e perdi, hellás, essa mania de mudar só em função das mulheres. O Só já não está aqui, neste momento, nem sequer no momento Ali, Além, porque se desloca como pêndulo e a sua seticidade apenas dá conta, de facto e de ideações, de certezas e obstáculos, de perigos, confortos e iminências...

Depois, estava cansado de tanta filosofia. E percebi que, ao mesmo tempo, não tinha mais paciência para aturar gajas antipáticas, ainda que tal significasse uma quebra na libido que havia de ser potencialmente preenchida. E cansei de estar disponível. Sim, sobretudo isso. E mesmo as simpáticas, pela frente, à partida, seria as mais difíceis de aturar. E levavam, umas e outras, por levar porrada. Simplemente porque, enquanto classe do pensar e do Ser, queriam tomar o poder à tóa, de um momento para o outro. E nem desconfiava que nesse processo o mais útil que lhe poderia ser seria o homem, precisamente. O mundo estava cheio de mulheres que não compreendiam os homens. E vice-versa. Uma coisa só vista. Pior do que a selva, porque implicava uma linguagem (mais ou menos estereotipada e simbólica, para não dizer estrambólica) e o elemento psicológico que, para uns é a corda da excitação constante, para outros um tormento sem fim. LOL.

Ainda me lembrei como alguns dos meus professores me queriam dar uma carga de porrada, quando solicitei o doutoramento *honoris causa* em Antropologia no ISCTE. Ainda escrevi ao reitor, mas fiquei de acrescentar "*honoris causa*". Pensei mais tarde em fazê-lo e dado saber o que representa um universidade, uma faculdade, um doutoramento, ser professor universitário, dobrei a minha pena e fui beber um café e fumar um cigarro. Por vezes, os fracos são mais sensatos do que os fortes, diplomáticos ou fanáticos.

Sim, estava a ponto de perder toda a esperança, noutro lugar, com este esforço e talento, com mais dinheiro e mais ou menos cunhas e favores, já era Reitor de um Faculdade com dois ou três doutoramentos, entre os quais um *honoris causa*, obviamente. Eles pareciam surdos, enquanto nada diziam e eu sentia-me levemente discriminado, porque em toda esta actividade de escrita, havia sido escritor e chegara à circunstância de, apesar de tudo, das humilhações, surdos silêncios, indiferença que dói, eu aprendi a ser mais duro do que alguma vez pensara que podia ser. E continuei a lutar, porque, mesmo que eles não aparecessem diante de mim todos os dias, eu tinha família e amigos que torciam por mim, sem contar aqueles da internet.

Sim, eu é que tinha tido a culpa, aos 36 anos, me declarar incapacitado para trabalhar. Deveria ter reagido logo ali, não aos 41, não devia ter dado ouvidos à minha irmã. Mas ela ateimava que eu não estava bem, eu apenas estava cansado e confuso da pornografia e das mulheres, da falta de uma vida real e feliz. Ela sempre insistira que eu não estava bem, não se lembrou que eu podia mudar de área e fazer outra coisa qualquer. Com isso, fiquei marcado. As miúdas não se aproximaram mais de mim. Mas recuperei, com esta coisa do doutoramento. E tenho planos, vontade de fazer alguma coisa par além do que faço, talvez até aos 65... No outro dia, custou verdadeiramente deslocar-me àquela escola...não sei se alguma vez seria mais professor... Sentia-me, nesse Domingo, agastado, desgastado, triste, eivado de uma tremenda solidão e não era pura ilusão minha, ninguém passava por aquela porta da casa onde habito que não eu...As pessoas nem sempre considguem ser sérias e para os filmes é relativamente fácil sê-lo. Quanto à vida real, era outra coisa, o ritmo era outro

e dava cabo dos nervos... O esquema de vida que eu outrora via ser fonte de felicidade era agora penoso cumprir e ainda com o gozo e indiferença dos outros, de modo que aprendi a não contar com ninguém que não me inspirasse confiança. A tipa da frente tinha a televisão acesa e uma das janelas abertas. Puxa...queria que eu falasse com ela? Entrou, num desses dias no chat para se meter comigo, foi agressiva, do tipo, tou-te a ver e logo se foi embora, quem julga ela que eu sou? Estou aqui para me submeter a mulheres? Tenho o meu amor-próprio e autoestima, nunca fui escravo de nenhuma mulher, nem serei, prefiro estar sózinho e dar uma bicada de quando em vez. Parece-me mais honesto, até para com a minha pessoa. Vou estar agarrado só pra manter aparências ? Querias tu... Passo mal e ainda sou simpático por cima...

E pronto, mais um dia sem falar com ninguém. Não estava habituado a estar tão só como ali em Moscat. Nas minhas outras moradas anteriores também sentim o mesmo, sobretudo na anterior. E eis que, de repente, ao fazer a curva que conduzia a minha casa, via-se, na dobra da equina oposta, fumando um cigarro eletrónico: bela, jovem, morena, roupa rasgada nos joelhos. O tempo suspendeu-se e eu fiquei com mazelas, mesmo em casa, fumando, bebendo cerveja que comprei no Massera. Ela não se mostrou interessada por mim, não olhou; provavelmente já lá não estaria agora, que ainda pensava nela; provavelmente nas faculdades haveria muitas como aquela, ou bem mais melhor. Mas eu queria aquela e não tive coragem de passar para o outro lado da rua e perguntar-lhe "está à espera de alguém". Podia não sei prostituta, era nova demais para isso, mas podai bem ser. Fosga-se!!!!!!!

Era o que me apetecia dizer, au-delá do prestígio enquanto académico ou mero prosador. Afinal, as palavras estão aí e há que desencantá-las. Mais logo voltaria à rua, a ver quanto tinha, se daria para estar com alguém. Haviam passado dez meses sem estar com ninguém...Devia, de facto, de viver noutra mundo...E ainda haveriam de dizer que eu, enquanto antropólogo, promovia a prostituição em Moscat e outras coisas mais. De modo que dei um toque em duas ou três e no dia seguinte talvez fosse, à pála disso, de novo para Vermont, pois não estava muito disposto a viajar mais de comboio com os tipos, revisor incluído, a gozarem comigo por ter um cartão dourado. Preferia não ter, embora tivesse o direito. Mas não me via como deficiente, apenas assumi a minha OCD e ainda podia, quem sabe, trabalhar. Estava ainda para pagar dois mil e quinhentos pela hisótese da discussão da tese, sob pena de perder todo esse dinheiro numa tentativa que incluía desmesurada confiança a quem não ma concedia. No fundo, estava a pagar as propinas de doutoramento de outro tipo ou de uma tipa que falava comingo de quando em vez e que fodia com o outro, podendo ser o outro o professor que me avaliaria. A universidade estava cheia de gente doente, pior, drogada, mal-intencionada, que facilita o sucesso alienado em troco de mais uma subida no patamar da sociedade. Esforço? Solilóquio? Sofrimento pela escrita? Inexistente...De modo que fui dar uma volta, estava farto de estar em casa, depois de ter vindo de um

supermercado onde comprei itens vários: lâminas de barbear, gel para o vírus, artigos de desenho e papelaria diversa, uma garrafa de licor de Nata e não conseguia pensar como, em nome de uma tese que apenas teria o Suficiente, caso fosse aprovada, sob custódia de dois mil e quinhentos euros, m ainda assim duvidalmente, como tinha passado ao lado de tanta mulher durante tanto tempo e em como ainda acreditava no amor, no morar com uma tipa em casa. Fui ao Santo António da Igreja da minha terra e pus umas velas a acender, para promessas várias, entre as quais a tese. E ainda estava à espera dos dois mil e quinhentos euros, que podiam vir do meu irmão.

É sempre a desilusão dos amores que nos leva a escrever. Aos sociólogos e antropólogos, ter um amor oficiado, mais ou menos legitimado ou não. Aos poetas, também a desilusão dos amores é cara e acaba por resultar em grandes obras de arte. Enquanto, no nosso tempo, uns destapam o desenho e o expõem como se fosse uma nova religião, outros entapam-no e sublimam-no, como se tal fosse uma forma de sobrevivência psíquica, na cidade onde é fácil encontrar alguém com conversa brejeira que não leva grandemente a mal, a não ser que se leve demasiado a sério isso, essa caça e esse vício pelos corpos...

O tempo vai passando e eu ficando cada vez mais motivado em fazer alguma coisa com o que passou da minha vida no resto da minha vida. Tomo umas notas no Diário, a lápis, vejo televisão como um ser stupidificado pelo torpor da cidade que não joga a meu favor, onde crio mais e mais inimigos sem sequer entra no JetSet, coisa que dificilmente via acontecer, pois prefiro andar só pelas ruas e descobrir só as coisas que tenho a descobrir, só. Sim, o que mais me custa é a solidão e o desencontro com as pessoas, como se nada tivesse para dizer, como se vivesse numa bolha negativa. Sensível ao tacto e aos acontecimentos. É como estou. Procuro uma obra de Kierkegaard, mas não a tenho em Lisboa, está lá em Riachos fazendo sedimentação. Ainda por cima em fotocópias. Descrano dois livros da Gulbenkian e sonho e dar aulas em Letras, dali a dois dias em que me encontro, saberei de ponho o pé do acelerador da filosofia ou na vida, na realção entre afecção e saber que nunca conheci realmente superar senão aos pouco, aos compassos solavancados. De resto, o caos governa o mundo. Como pode haver passagem do caos à ordem se o caos se sobrepuja a ela? E o que é a ordem senão o caos assentido, presentido e cumprido por um conjunto de mónadas que queres controlar as outras como se fossem ovelhas? Assim, o homem Sensível refugia-se nos sentidos, nos sentimentos, não só como fora de escapar individualmente ao caos bem como enquanto forma demiúrgica de ordenar o seu mundo, nem que seja o seu mundo doméstico, a sua casa, a aldeia global...

Naquele dia, nada disse aos meus irmãos sobre a minha condição financeira, tinha seis euros do dia anterior e seria com esse dinheiro que chegaria vivo e actuante ao dia

seguinte. Muitos se poderia impressionar como eu recuperara a minha saúde e continuava a produzir obras, para além da tese e da Antropologia Filosófica, a primeira em Portugal. Mas eu tinha energia para muito mais e creio que quanto mais só estava pior, ou melhor, mais produzia, no sentido de me tornar o melhor escritor português vivo, um dos melhores antropólogos e filósofos da praça pública.

Mas... olha, o Lobo Antunes já esteve num hospital psiquiátrico enquanto doente? Não me parece. Nem um Luís Quintais ou Filipe Verde, já não falar da filha do escritor. Agora, depois de alguma tempo, compreendo o Pedro Abrunhosa. Sou um deles, com o Daniel Ponte e a Paula Sofia. Com o Michel, o Gomes, a minha irmã. Quem me leva os meus fantasmas? -digo agora, depois de ver o lençol num caixão do interior de um jazigo que bem poderia (ter sido) ser o meu...

Sim, porque Danny ficara muito para trás no seu egotismo social e eu já nada lhe dizia, mais um amigo que havia perdido.

Dias de fome, de solidão, de estertor do Ser, ante um mundo que só dava atenção ao imediato, ao fácil e transmissível. Eu não via *Os Reflectores*, a essa estirpe a que pertencia e que quase eram párias dos seus contemporâneos, párias da sociedade. Porque não havia quem parasse para refletir, os protões e protozoários na ponta da testa da maioria faziam com que a deriva humana daquela cidade, daquele país, avançasse em direção ao futuro como um burro que corre com uma cenoura à frente dos olhos. Havia, claro, outras direções, outras relações e até derivações. Mas pouco interessava. A posse do bem/mal que era o corpo fazia que se deve mais importância ao sentido do corpo que ao sentido do transcendente, enquanto a relação entre o corpo e esse mesmo transcendente ficava, literalmente, para trás, nos cacos da destruição do Ego. Enquanto Heidegger estava ainda na moda, outros autores bem menos, ainda que tivessem bastante razão e bastantes razões para serem apreciados, ficavam para trás também. E eram jovens estudantes de Filosofia e Ciências Sociais que iram apanhar os cacos, feitos arqueólogos do saber...

Embora tivesse, nesses dias, tirado bastante notas, pessoais e filosóficas, para um caderno, a lápis, para um bloco de notas de desenho também a lápis, guardava ainda alguma coisa para verter aqui nesta novela mais ou menos filosófica. Quando estás com falta de inspiração, as ideias te faltam, os personagens escapam entre os dedos da mão da tua memória, experimenta o seguinte: foca-te nessa situação e descreve-a. O registo autobiográfico é bastante apreciado por literatos. Nesses dias, também, ahavia um ou dois personagens, os meus, os que me estavam mais próximos, obviamente. E eu revia a ortografia de escritos recentes, enquanto colava a sites de filosofia os meus oito artigos, quando já havia esboçado outros dez. Lá estava eu, na casa de Moscat, aguardando por dez euros do meu irmão, há quase um ano sem conhecer mulher, enquanto Fronci e Donci tinham as suas meninas discípulas há descrição com as mamas de fora da mesa das suas aulas, seminários, conferências. Por falar em seminários, para não falar em conventos, eu havia tido isso tudo em jovem, enquanto Iturra, Vieira, Quintais e Danny estavam agarrados a esse microclima académico para sobreviverem, fazendo-se crer *iluminati* e desprezando o mundo vão e banal. Eram, por isso, ainda meros adolescentes...

Não sei se por causa da pandemia, ainda em pleno Dezembro, Antenor encontrava-se só e andava de um lado para o outro do seu apartamento algo frio, agora menos impestado de fumo, como que revivendo a *Angústia de Erich Fromm*, procurando motivos a cada passo, enquanto lá fora desfilavam os carros pela rua, apitando uma vez ou outra.

Antenor fugia da morte anunciada pelo médico, fugia do momento em que iria desaparecer desta terra (como se houvesse outra). Assim, numa questão de dias, deambulava e até rezava para que não a pudesse encontrar tão cedo. Tão cedo não se queria encontrar com ela, por isso a evitava, como se estivesse a prolongar o momento em que o homem se encontra com o homem, consigo mesmo.

Até ao dia em que Antenora morreu. Ele foi vista-la ao cemitério, dias depois do funeral. E, surpreendentemente, ao lado da sua campa, estava outra, com ar de preparada para admitir o próximo “cliente”, com o seu nome inscrito: “Antenor Gonçalves, *Per Semper Do Ut Des*”. O homem fugia, como se fugisse da morte e da vida ao mesmo tempo. Só parou em casa e acendeu a lareira, sentando-se em frente ao fogo, sem falar com ninguém, observando as chamas propagarem-se e consumirem-se ao mesmo tempo, como a sua frustrada vida. Dali em diante a aventura seria evitar a morte, adiá-la, postergá-la para o momento em que não houvesse outra hipótese. E fazer coisas, viver o máximo possível. De quando em vez ia à Missa, para se preparar, lia um pouco de filosofia, evitava estar em casa matutando. A acção do Vírus estava sendo atenuada e em pouco poderia voltar à vida social e esquecer todo esse episódio que o assustara de veras...